

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – LICENCIATURA

IARA FERREIRA DIAS

**(Re)imaginando histórias de mulheres negras brasileiras do século XX a partir da obra
“Álbum de Desesquecimentos”**

UBERLÂNDIA

2026

IARA FERREIRA DIAS

**(Re)imaginando histórias de mulheres negras brasileiras do século XX, a partir da obra
“Álbum de Desesquecimentos”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para outorga de grau no curso de Graduação em História: Licenciatura, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Jorgetânia da Silva Ferreira.

UBERLÂNDIA

2026

IARA FERREIRA DIAS

**(Re)imaginando histórias de mulheres negras brasileiras do século XX, a partir da obra
“Álbum de Desesquecimentos”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para outorga de grau no curso de Graduação em História: Licenciatura, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Jorgetânia da Silva Ferreira.

Uberlândia, 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Jorgetânia da Silva Ferreira - Orientadora
(Universidade Federal de Uberlândia - UFU)

Prof^a Dr^a Leandra Domingues Silvério
(Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM)

Prof^a Dr^a Mariza Barbosa de Oliveira
(Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia - CAp -UFU)

*Para todas as mulheres negras, periféricas e dissidentes sexuais
que se atreveram a quebrar ciclos violentos e que ousam viver e
desfrutar da liberdade, da afetividade e da autoconsciência. Às
minhas ancestrais que sobreviveram para que eu possa existir
de forma plena, e para todas as outras que virão depois de
mim, seguimos e resistimos!*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a espiritualidade por fornecer o chão para que eu pudesse caminhar e seguir a trilha que me levou até o final desse grande ciclo, aos meus Orixás Oyá e Ògún pelo sustento, as entidades Exú Rei, Maria Padilha, Exú Veludo e Exú Tiriri pela paciência, amparo, orientação e força que me mantiveram de pé e firme em meio a tantas batalhas enfrentadas nesse período! Sem o asè tudo seria muito mais tortuoso e sou grata por me mostrarem a grandeza que existe em mim. A minha família que me forneceu os meios para que as minhas ousadias em viver e estudar a 580 km de distância, durante todo o tempo necessário, em especial minha mãe Elizângela Rosa Ferreira Dias que acredita e incentiva minhas escolhas sem hesitar, meu pai Evandro José Dias, minha irmã Sara Catarina Ferreira Dias, meus animais que forneceram um amor incondicional em todos os momentos, Teka (*in memoriam*) e Maionese. Para o meu núcleo de amizade mais íntimo, agradeço imensamente a Airiely Ingrid Souza de Paula, Rafaella Reagan, Bianca Emanuelle, Tauane Carvalho por serem as amigas mais especiais, companheiras e determinadas que tenho o privilégio de cultivar a anos.

Agradeço às minhas professoras da Educação Básica na Escola Estadual Professor Rousset em Sete Lagoas - MG: Mônica, Florence, Ana Alice, Malu, Luciana e Marília que desde o início me mostraram o poder da educação e tornaram o espaço escolar não só um lugar menos hostil, mas um ambiente de possibilidades. Estendo esses agradecimentos a Nelkia, parceira de minha mãe que forneceu entradas gratuitas nas aulas de intensivão do Enem no cursinho ao qual ela fazia parte, esses aprendizados foram fundamentais para o meu ingresso no Ensino Superior!

Em meio às diversas atividades de extensão que pude realizar dentro da Universidade, ressalto a importância do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB - UFU) e agradeço às minhas grandes amigas Lisneide Costa e Yana Passos, que me salvaram por meio do afeto entre mulheres negras e me possibilitaram enxergar o mundo e a mim sob novas perspectivas. Aos meus colegas de curso tão importantes nessa caminhada: José Guilherme, Caio Nunes, Gabriel Holanda, Gabriel Gomes, Hayanne Guimarães, Geiva Lopes, Mainá Araújo, Salomão Dal Ri e Isabela Rezende. As minhas queridas amigas, Lauene Pimentel, Ana Luísa Oliveira e Nattaly Nunes sou grata por todas as trocas compartilhadas e bons momentos! Ao Rodrigo, funcionário do LOL do bloco 3Q que sempre ofereceu um afago nos dias difíceis e comemorou as pequenas vitórias não só minhas mas também de meus amigos e amigas. A minha amada, Maressa Vasconcelos pela escuta, carinho, dedicação e cumplicidade de

sempre, obrigada por estar ao meu lado! Você foi essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa e da formação do meu entendimento enquanto professora intelectual.

Por fim, mas não menos importante, aos professores Gilberto Noronha, Marta Emísia, Regina Ilka e Florisvaldo Júnior, por me mostrarem o poder da dúvida, da curiosidade, da capacidade crítica e por confiar e me compreender, nunca me esquecerei e farei o possível para me tornar uma docente tão atenciosa, dedicada e observadora quanto vocês. A minha orientadora, Jorgetânia da Silva, pelo apoio e gentileza durante os momentos finais da graduação e as professoras Leandra Silvério e Mariza de Oliveira, por aceitar e finalizar junto a mim esse momento tão simbólico. Só pude chegar até aqui com a ajuda e apoio dessas pessoas citadas e de tantas outras que passaram pelo meu caminho, sou grata por todas as escolhas, aprendizados e ensinamentos que forjaram a mulher que sou hoje.

*Eu não escrevo pra incendiar casas,
mas pra ascender faíscas aos olhos de
quem me lê, não escrevo pra matar a
fome de multidões,
mas espero que minhas palavras
preenchem um vazio que te ajude a
se manter de pé, não escrevo pra governar um povo,
eu ouço o que ele diz e utilizo minha voz
para propagar sua mensagem, não escrevo pra obter a sua aprovação,
mas pra registrar minha trajetória e de
tantas mulheres negras que já foram
silenciadas.*

*Eu escrevo pra acessar lugares em mim
que são invisíveis aos olhos
pra expurgar pensamentos que não me
deixam dormir
escrevo, pois, cada palavra é um atestado
da minha condição poeta
e sendo poeta, ainda miúda que sou
escrevo porque a palavra é o que me resta*

(Mel Duarte, 2020).

RESUMO

A partir das interpelações sobre as maneiras pelas quais pensamos o passado no presente, tendo em vista os avanços tecnológicos que atravessam a contemporaneidade, refletimos então sobre as práticas de rememoração, em especial, sob a ótica da percepção sobre os passados de mulheres negras brasileiras. Para que se faça possível essa análise, utilizamos a obra “Álbum de Desesquecimentos” (2023) da artista Mayara Ferrão que, por meio de fotografias desenvolvidas pela Inteligência Artificial Generativa, cria novas possibilidades de existências para corpos femininos e dissidentes sexuais na transição dos séculos XIX para o XX, especulando seus momentos de humanidade, descanso e afetividade. Objetiva-se trabalhar com dois eixos temáticos fotográficos dessa obra em comparação a uma imagem real, registrada pelo fotógrafo imigrante Vincenzo Pastore no ano de 1910 na cidade de São Paulo. Portanto, mobiliza-se as pesquisas de Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez e Lilia Schwarcz para buscar compreender como se deu de fato a questão social, cultural, econômica e racial do país durante essa temporalidade retratada. Em razão das questões que perpassam as temáticas de gênero, sexualidade e representatividade, observamos os estudos de Saidiya Hartman, Audre Lorde e Patricia Hill Collins. Com o objetivo de pensar essas (re)construções das vivências múltiplas dessas sujeitas no período pós-abolição, contrariando os arquivos oficiais que majoritariamente condicionou os seus corpos aos espaços de exclusão, invisibilidade e os naturalizou a associação da servidão.

Palavras-Chave: História do Brasil; Racismo; Mulheres negras; Inteligência Artificial Generativa; Fotografias;

ABSTRACT

Starting from the interpellations about the ways in which we think the past in the present, in view of the technological advances that cut across contemporaneity, we then reflect on the practices of remembrance, especially from the perspective of the perception of the pasts of Black Brazilian women. To make this analysis possible, we use the work "Álbum de Desesquecimentos" [Album of Unforgettings] (2023) by the Bahian artist Mayara Ferrão, who, through photographs developed by Generative Artificial Intelligence, creates new possibilities of existences for female bodies and sexual dissidents in the transition from the 19th to the 20th century, speculating on their moments of humanity, rest, and affectivity. The objective is to work with two photographs from this work in comparison to a real image, registered by the immigrant photographer Vincenzo Pastore in 1910 in the city of São Paulo. Therefore, the research of Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, and Lilia Schwarcz is mobilized to seek to understand how the social, cultural, economic, and racial issues of the country actually took place during this temporality portrayed by Ferrão. Due to the issues that permeate the themes of gender, sexuality, and representativeness, we observe the studies of Saidiya Hartman, Audre Lorde, and Patricia Hill Collins. With the objective of thinking about these (re)constructions of the multiple experiences of these subjects in the post-abolition period, contradicting the official archives that mostly conditioned their bodies to spaces of exclusion and invisibility, and naturalized their association with servitude.

Keywords: History of Brazil; Racism; Black women; Generative Artificial Intelligence; Photographs;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa do livro “Lugar de negro”	13
Figura 2	“Duas mulheres, uma de costas, descansando em banco de praça”	26
Figura 3	“Álbum de Desesquecimentos”	36
Figura 4	“O Beijo”	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>ChatGPT</i>	Inteligência Artificial da empresa OpenIA
<i>GenAI</i>	Inteligência Artificial Generativa
IA	Inteligência Artificial
IMS	Instituto Moreira Salles
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. FRAGMENTOS DO BRASIL POR MEIO DE FOTOGRAFIAS DAS MULHERES NEGRAS.....	17
1.1. Do extermínio ao símbolo nacional: a raça negra enquanto disputa política.....	19
1.2. A existência racial para além da imagem.....	24
2. AS POSSIBILIDADES IMAGINADAS: PASSADOS OUTROS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS.....	31
2.1. O Álbum de Desesquecimentos e o método da fabulação crítica.....	36
2.2. As Imagens de controle e os Lugares de negros: ferramentas e estereótipos.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo discorrer de maneira crítica e analítica sobre a obra *Álbum de Desesquecimentos* (2023) da artista Mayara Ferrão que, por meio dos usos da Inteligência Artificial Generativa¹ (*GenAI*), desenvolve imagens que simulam fotografias antigas de mulheres negras brasileiras na transição do século XIX para início do XX, propondo assim uma intervenção iconográfica de histórias racializadas, LGBTQIAPN+ e, sobretudo destacando a afetividade entre corpos femininos. Com o intuito de confrontar as narrativas iconográficas impostas a essas mulheres que, por intermédio da autoridade dos arquivos públicos oficiais foram silenciadas, apagadas e violentadas. A intenção de produzir essas fotografias perpassa pela necessidade da artista em visualizar imagens outras desses corpos, ainda que fictícias, que possam representar a existência dessas mulheres sob a perspectiva do descanso, do amor, da liberdade e da celebração da vida.

Nesse sentido, esse trabalho se divide em três partes, sendo a introdução e dois capítulos. No capítulo I buscamos realizar uma contextualização histórica com o objetivo de situar o leitor sobre as questões sociais e econômicas que cerceava o período reproduzido por Ferrão, utilizando assim as pesquisas e reflexões de Florestan Fernandes em *A integração do negro na sociedade de classe* (2008), Lilia Schwarcz em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade* (2012) e Lélia Gonzalez em *Por um feminismo afrolatino americano* (2020) para dar ênfase e relevância na argumentação que pretendemos apresentar ao longo do texto. Esse fenômeno é referenciado, na medida em que a produção acadêmica, atrelada aos interesses do Estado daquele período, não estavam interessados em discutir sobre a racialidade do povo brasileiro. Pelo contrário, essa questão era visualizada como um problema e se empenharam em discorrer e construir uma população embranquecida, sob a justificativa do avanço industrial, desenvolvimentismo e da melhora social, sendo ancorado ao ‘mito da democracia racial’².

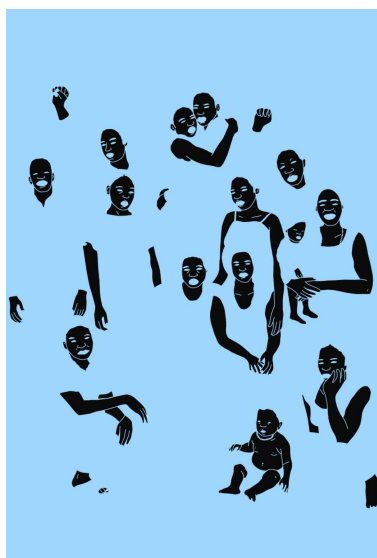
¹ De acordo com o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) do Governo Federal brasileiro, em uma cartilha informacional realizada pela Secretaria de Governo Digital (SGI) em 2025, a Inteligência Artificial Generativa é um ramo da IA que tem por objetivo desenvolver vídeos, imagens, áudios e textos. Possui como objetivo e diferença, sua função de exercer os comandos de maneira natural, semelhante a humana, atuando a partir da estrutura de possibilidades, procuram criar (a partir dos *prompts* - textos direcionais) a maior precisão possível do que se é solicitado.

² Teoria ideológica desenvolvida pelo sociólogo Gilberto Freyre durante o século XX, em que ele apaziguava e amenizava os impactos da colonização nas relações sociais, uma vez que ele afirmava que indígenas, brancos e negros viviam em completa harmonia e igualdade no Brasil.

No capítulo II analisamos duas das mais de vinte e cinco imagens produzidas por GenAI do *Álbum de Desesquecimentos* (2023), a fim de problematizar e discutir de maneira ampla sobre as temáticas de gênero, identidade, raça, classe e orientação sexual. Fazemos o uso da obra artística para refletir sobre essas questões, tendo como base os escritos de Audre Lorde em *Usos do Erótico: o erótico como poder* (1978), Saidiya Hartman em *Vênus em dois atos* (2020) e Winnie Bueno em *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: Uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de *imagens de controle* (2019). A aproximação com esse tema de pesquisa surge a partir de indagações e incômodos com as representações imagéticas de mulheres negras durante o século passado que, de forma majoritária condicionaram essas existências a um lugar de subserviência, servidão, desumanização, estereotipação e hipersexualização.

Dessa forma, apresentamos a autora, Mayara Ferrão que é baiana, mulher negra, integra a comunidade LGBTQIAPN+ e é artista visual formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e tem o seu trabalho atravessado pela fotografia, ilustração, pintura e direção criativa. Suas obras são dedicadas a construção de narrativas negras, em suma de mulheres negras e originárias, sobre as intenções que atravessam seu ofício ela afirma: “São retratos de pessoas negras em lugares de contemplação, de lazer, de trocas, de acesso, como donas de si e das suas verdades” em uma entrevista intitulada “Mayara Ferrão, quando a cultura visual e tradição cruzam-se com Inteligência Artificial”, realizada por Jamila Pereira em 2024 pela Revista Bantumen. Por meio de seu pseudônimo, intitulado “Verdade Tropical”, ela produziu diversos projetos artísticos, sendo um dos mais referente a arte que ilustrou a capa do livro *Lugar de negro*, de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg, relançado no ano de 2022 no Brasil.

Figura 1 - Capa do livro “Lugar de negro”, 2021.



Fonte: Revista digital Galeria Verve, 2025. (Disponível em: <https://www.vervegaleria.com/artistas/mayara-ferrao/>).

O seu ofício com a *GenAI* surge em 2023, quando ela inicia seus estudos e esboços do que viria a se tornar a obra aqui referenciada, utilizando-se da disponibilidade gratuita da plataforma *ChatGPT*³, assim como sua funcionalidade prática, atrelada aos seus conhecimentos e pesquisas prévias sobre os arquivos públicos brasileiros com acervos disponíveis *on-line*. Dessa forma, tornou-se possível desenvolver um roteiro, por meio de *prompts*⁴ bastante descritivo, com as características próprias e específicas para cada retrato elaborado, compondo mais de vinte e cinco imagens que se resultaria na série *Álbum de Desesquecimentos*. Torna-se possível compreender os *prompts* como comandos fornecidos as IA's, seja por meio de texto ou gravação de áudio que cumpram a função de dizer o que ela deve fazer, podendo ser descrito de uma forma simples ou mais robusta. Nesse sentido, a medida em que o *prompt* for descrito com os maiores detalhes e características, maiores serão as chances de receber uma resposta funcional e que atenda aos seus pedidos.

Para Ferrão, a utilização com a *GenAI* opera enquanto uma “ferramenta de extensão de seu processo criativo” (Ferrão, 2024. Entrevista), uma vez que ela permite construir imagens surrealistas que vão para além das disponibilidades dos recursos materiais, como baixo custo. Essa prática exerce uma capacidade de gerar imagens fictícias que, em alguma medida, resgatam e reconstrói o imagético social acerca das representações de mulheres negras durante o início do século XX. Visando expandir o imaginário coletivo para além das concepções habituais associativas que possuímos dessas sujeitas durante o período pós-abolição. Por meio de participações em exposições coletivas, Mayara ainda que com pouca idade, tem se consolidado ao meio artístico nacional e europeu, como exemplo as suas participações nos seguintes eventos: “Ancestral Futures”, 2025 no Les Rencontres d’Arles - França; “Histórias LGBTQIA+”, 2024/2025 no Museu de Arte de São Paulo (MASP); “Ancestral: afro américas – Estados Unidos e Brasil”, 2024/2025 no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) - SP; “Memórias Habitadas”, 2024 no Serviço Social do Comércio (SESC) - RJ; “Inomináveis Presenças”, 2024/2025 no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB); “Raízes: começo, meio e fim”, 2025 no Museu Nacional da Cultura Afro-brasileira (MUNCAB) - BA; “Women House Amsterdam”, 2025 no NDSM FUSE - Holanda; “Cuir Sou: notas sobre afetividade”, 2024 na Verve Galeria - SP;

³ Inteligência Artificial da empresa OpenIA.

⁴ Textos direcionais, ou instruções, realizados dentro das plataformas de IA, para que ele execute uma tarefa específica.

“Carvões Aceso”, 2024/2025 na Galeria Galatea - SP e “Corpo Tangente”, 2024 em Arrecife - RJ. Atualmente, seu trabalho ocupa de maneira oficial o acervo permanente do MASP - SP e do Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (Mamam) - Recife, PE (Revista Galeria Verve, 2025).

Em diálogo com as imagens fictícias de Ferrão, propõe-se uma breve comparação com uma fotografia real, realizada pelo italiano Vincenzo Pastore, produzida no ano de 1910 na cidade de São Paulo, que aborda sobre um cotidiano urbano evidenciando a figura de duas mulheres negras. Ao construir uma ponte entre as imagens, pretendemos ligar as formas pelas quais a questão racial foi abordada pelo Governo brasileiro no início do século XX, assim como as pesquisas acadêmicas e o grande impacto sobre as produções pictóricas desenvolvidas nesse período, que impactaram na estereotipação e no preconceito voltados para as pessoas negras. Por isso, utilizamos da obra artística de Mayara para retornar ao passado do nosso país, a fim de compreender de qual maneira se deu a existência de mulheres negras e, posteriormente construir possibilidades de narrativas diferentes das postas nos arquivos oficiais que, tal como a autora, propicia de maneira fabulada a imaginação de suas vidas para além das representações imagéticas convencionais que majoritariamente são representadas nesses documentos.

Dessa forma, procuramos refletir sobre as perspectivas em que essas sujeitas foram retratadas por meio dos arquivos e fontes imagéticas, tal como compreender a importância das produções e construções realizadas pela comunidade negra, que também compõem a cultura brasileira. Assim, nos propomos analisar de qual forma a obra de Ferrão impacta as mulheres no presente, com suas novas concepções múltiplas de formatos distintos do existir para os corpos femininos. Ressaltamos que, o exercício feito pela artista de (re)imaginar o passado, contrariando os documentos públicos, não anula a legitimidade e a importância do trabalho historiográfico para com os arquivos, pelo contrário, os centraliza para que seja possível dialogar criticamente sobre seus usos no âmbito das discussões raciais e de identidade no Brasil.

A partir desse contexto, consideramos conforme Clarice Peixoto em *Memória em imagens: uma evocação do passado* (2001) que a fotografia é um instrumento que detém a capacidade de provocar as pessoas no âmbito da influência e da projeção dessas imagens sobre o outro e, em suma, sobre si mesmas (Peixoto, 2001. p. 175). Dessa forma, propomos desenvolver alguns objetivos específicos a fim de estruturar e sustentar a argumentação, sendo eles: I - Compreender as temáticas raciais por meio do contexto histórico, político, cultural e social, nos primeiros trinta anos do século XX no Brasil; II - Examinar sobre quais maneiras

os corpos negros foram retratados por meio das representações pictóricas, assim como as suas contribuições para a formulação da identidade brasileira; III - Analisar dois eixos temáticos imagéticos da obra *Álbum de Desesquecimentos* (2023), de Mayara Ferrão dialogando a sua concepção até o exercício prático e IV - Refletir sobre as questões postas de intersseccionalidade - raça, gênero, classe e sexualidade que atravessam todas as figuras inseridas no trabalho.

Dito isso, justificamos essa pesquisa pela tentativa de reparação⁵ simbólica nos níveis estéticos, éticos e políticos sobre as vidas de mulheres negras brasileiras, no combate as desigualdades produzidas pela escravidão e que se perpetuaram no período posterior. Bem como propomos dialogar de maneira analítica sobre os usos e as representações imagéticas de seus corpos. Assim, vislumbramos uma possibilidade de jovens mulheres negras no presente (re)pensarem e construírem perspectivas positivas e afetuosas sobre sua racialidade, gênero e sexualidade pela análise metodológica da obra de Mayara Ferrão. A fim de se aprofundar nos estudos históricos e de memória sobre o Brasil, reconhecendo-o como parte da sua história e estabelecendo um certo nível de autonomia sobre ela, vislumbrando essa possibilidade pelo exercício de imaginar novos futuros (e novos passados), fundamentado a partir desse álbum de fotografias fictícias.

⁵ Conceito que, no Fórum Permanente das Nações Unidas sobre Pessoas Afrodescendentes (2021), tem o objetivo de focar em combater o racismo e racismo estrutural, além de promover ações de direitos humanos em nível global.

1. FRAGMENTOS DO BRASIL POR MEIO DE FOTOGRAFIAS DAS MULHERES NEGRAS

“A história é busca, portanto escolha” (Bloch, 2002. p.24).

Ao realizarmos o exercício de investigação e compreensão sobre os passados de mulheres negras e originárias brasileiras, é fundamental partir do princípio: o estudo histórico sobre o Brasil e sua construção ideológica. Essa iniciativa parte da reivindicação da existência dessas sujeitas e suas contribuições para o cenário econômico, social, cultural e político como base fundamental para a concepção de uma memória nacional formadora do nosso país. Pleiteamos essa abordagem de análise como uma espécie de reparação simbólica para essas mulheres que, durante muito tempo, tiveram suas singularidades, diferenças e subjetividades reduzidas ao campo inferior ao padrão eurocêntrico⁶, resumidas em suma ao lugar servil.

Diante disso, utilizamos da produção acadêmica que, a partir do século XX, protagoniza-se em alguma medida os estudos e pesquisas sobre as questões raciais realizadas por pessoas negras, assim como a reflexão sobre as memórias que se perpetuaram dessas sujeitas, seja por meio da oralidade, da religiosidade ou dos registros físicos e imagéticos registrados por si ou por outros sobre os seus corpos. Essas fontes de observações de lembranças podem ser utilizadas no exercício historiográfico, assim como direcionadas a partir do respaldo com arquivos, que opera enquanto uma ferramenta analítica e documental de suma importância para justificar, comprovar, exemplificar e servir como fonte para uma maior compreensão de determinados espaços, tempos, fatos, situações e demais relações que abarque o estudo do ser humano enquanto agente transformador de seu tempo, assim como afirmou o historiador francês Marc Bloch (1886-1944) em *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*, de 2002 (p. 24).

Logo, nos propomos a trabalhar com fontes imagéticas (reais e fabuladas) onde a primeira está disponibilizada em arquivos públicos e de acesso *on-line*, e as fictícias são retiradas da obra *Álbum de Desesquecimentos*, da artista Mayara Ferrão tal como salientado na introdução do presente texto. A fim de realizar assim, o desenvolvimento da pesquisa, comparando-as, relacionando-as e questionando-as sobre os seus impactos e os contextos aos quais foram produzidas.

⁶ Visão de mundo que utiliza a Europa como um padrão referencial cultural, social e histórico. Nesse caso, o padrão eurocêntrico é a definição de hierarquização social dos corpos, nessa lógica de superioridade os homens, de cor branca, orientação sexual hétero (atração pelo sexo oposto) e de identidade cisgênero (identidade de gênero baseada ao sexo designado ao nascimento), detém de maiores privilégios e oportunidades em comparação a corpos não semelhantes.

Por fim, buscamos compreender as escolhas políticas realizadas nos primeiros trinta anos do século XX a respeito das discussões sobre a racialidade da população brasileira, que por meio da elaboração de uma renovação dos símbolos nacionais, objetivou entre outros fatores unir a nação em uma única figura representativa, o mestiço. Partimos desse pressuposto, uma vez que consideramos tal período fundamental para que se viabilizasse a partir dos anos de 1930, reivindicações políticas mais incisivas de pessoas negras voltadas para as questões raciais e a luta para o reconhecimento do grupo social negro para a história no Brasil. Podemos, portanto, salientar como exemplo a imprensa jornalística de São Paulo, que por meio do periódico *O Clarim d'Alvorada* (1924-1932) exerceu uma escrita de denúncia, contrária a maneira excludente ao qual as pessoas negras eram tratadas pelas pessoas brancas no período pós abolição (Ferreira, 2011.p.7).

Dessa forma, as análises do sociólogo Florestan Fernandes (1920-1965) se fazem bastante pertinentes para interpretarmos sob quais maneiras se deram as práticas racistas estabelecidas pelo Estado brasileiro contra a população negra no início do século passado. Tendo em vista que, ainda que se transformasse o modelo social, cultural e de organização política, mantinha-se uma classificação, distinção, e exclusão de pessoas negras, ou seja, preservava-se uma lógica tanto nas mentalidades quanto nos comportamentos da sociedade, arraigadas na prática da violência colonial (Ferreira, 2014.p.278). Diante do exposto, utilizamos uma fotografia do imigrante italiano Vincenzo Pastore, radicado no Brasil desde 1894, porém utilizamos o registro da cidade de São Paulo durante os anos de 1910 a 1915, em especial suas iconografias urbanas que salientam essas mudanças sociais por meio do espaço e das pessoas existentes nele, em especial focamos nas mulheres negras e nos formatos aos quais elas foram representadas. Trabalhamos com a limitação prática da disponibilidade de seu acervo e a abordagem visa exercer enquanto elemento comparativo de fonte visual que compõe essa análise material de fragmentos da História do Brasil, e tem por pressuposto a observação a partir do lugar social e histórico desses corpos femininos.

1.1. Do extermínio ao símbolo nacional: a raça negra enquanto disputa política

Antes de aprofundarmos as discussões e as analogias pictóricas conforme estabelecido no início do texto, convém tecer algumas considerações, mesmo que breves, sobre a contextualização temporal e política em que se deu a complexa década de 30 no Brasil. Essa posição faz-se necessária uma vez em que se desenvolveu a construção do ideal de unidade e identidade nacional, a partir de uma conexão de interesses políticos com as elites e as massas. Para isso, foram fortificados recursos culturais e educacionais que legitimaram essa redefinição, e intelectuais atrelados aos interesses do Estado, comprometeram-se a utilizar de seus conhecimentos para recriar os símbolos nacionais e desenvolver uma ideia coletiva de nação e uma identidade brasileira. Para isso, era importante o alinhamento dessas construções sociais as perspectivas políticas, questões essas essenciais que preservaram aspectos como o modernismo, a identidade e o industrialismo. Utilizamos enquanto conceituação de nação: “concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e portanto eternos [...] por causa destes laços, se torna a base necessária para a organização do poder sob a forma do Estado nacional (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998. p. 796).

Essas questões estavam ligadas, em alguma medida, à figura presidencial daquele tempo, Getúlio Vargas (1882-1954), que durante os anos de 1930 a 1945 governou o Brasil a partir de objetivos desenvolvimentistas. Para além desses fatores abordados, o ex-presidente esteve à frente de um regime de poder que desenvolvia políticas que atendiam interesses das classes populares, mas ainda mantinha seu caráter autoritário e conservador, em especial no período intitulado “Estado Novo” (1937-1945). As práticas de suspensão de garantias institucionais, fechamento do Congresso Nacional, censura da imprensa e difusão do discurso violento anticomunista, são alguns dos critérios levados em consideração para afirmar o teor autoritário do governo. Em contrapartida, atuou em frentes que realizaram mudanças sociais significativas, como a consolidação de direitos trabalhistas (CLT) e a regulamentação do voto único e secreto sem restrição de gênero.

Essa alteração no código eleitoral, instituído a partir do Decreto nº 21.076 de 1932 concedia o direito ao voto para pessoas alfabetizadas, que tivessem idade superior a 21 anos e sem distinção de sexo, conquistada por meio de muita luta e pressão política por parte de movimento de mulheres sufragistas que reivindicavam seus direitos de cidadãos. No entanto, foi um privilégio cedido às mulheres casadas, com autorização do marido para exercer seu voto, assim como as que se encontravam em estado civil de viúvas e que obtivessem renda

própria, excluindo a grande parcela da população como negros e indígenas que não eram alfabetizados. Porém, foi apenas em 1988 que se garantiu oficialmente o voto feminino obrigatório, tal como o de pessoas negras, analfabetas, indígenas, pessoas com deficiências e entre outros, os reconhecendo como cidadãos plenos. Tais estratégias políticas, assim como diversas outras características, foram medidas adotadas na famosa “Era Vargas” que contribuíram para que essa época se tornasse um marco importante na história do país.

Nesse sentido, em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade* da antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz (2012), a autora entre outros aspectos, discorre sobre um projeto de embranquecimento da população brasileira, analisando as discussões acadêmicas e suas produções eugenistas⁷ desenvolvidas em suma no início do século XX. Salientamos aqui o I Congresso brasileiro de Eugenia (1929) que ocorreu no Rio de Janeiro - RJ, sob forte influência do I Congresso Internacional das Raças, de 1911 em Londres - UK que tinha por objetivo as discussões sobre as relações étnicas e raciais entre as populações do Ocidente e Oriente. Sob a prerrogativa da construção de uma harmonia entre as nações, estava presente uma forte tentativa de hierarquização e dominação de brancos sobre negros, influenciadas também pela memória recente do domínio exercido no período colonial europeu sobre os demais países do sul global⁸. Conforme Schwarcz (2011), estiveram presentes em Londres representando o Brasil, os médicos e antropólogos João Baptista de Lacerda e Edgard Roquette Pinto, o primeiro exercia a função de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro naquele tempo.

Estava em voga em ambos os eventos a pauta sobre a miscigenação. O interesse com a temática era bastante discutido no meio acadêmico e ocupava um lugar de preocupação e receio de extremos efeitos negativos, principalmente pelos intelectuais brancos. Por meio da difusão da construção de teorias e ideias eugenistas, como “Sujeito universal” e o Racismo Científico, disseminaram-se crenças etnocêntricas, violentas e discriminatórias que baseavam-se em concepções biológicas para idealizar o homem branco europeu como um padrão desse “ser humano universal”. Esses fatos serviram de base para invasões, explorações e subjugações de diferentes povos, especialmente populações indígenas, como no caso se deu a colonização no Brasil.

⁷ Ao buscar a palavra no dicionário Michaelis (2026) encontramos a seguinte definição: é uma teoria que defende o aprimoramento da espécie humana por meio de uma seleção tendo como base as leis genéticas.

⁸ Categoria que transforma a utilização de nomenclaturas como: “países em desenvolvimento” e “países subdesenvolvidos”, ao se referir as nações que estão de fora das grandes hegemonias e potências capitalistas do norte global. Definição essa formulada a partir da aula intitulada “O sul global como projeto político”, ministrada pela professora Luciana Ballestrin (UFPEL) para o Grupo Periféricas da UFBA, disponível em formato remoto pelo canal do *YouTube* de mesmo nome.

Sob essas circunstâncias, Schwarcz (2011) atenta-se sobre uma mudança de perspectiva acerca da miscigenação enquanto algo maléfico, a partir dos trabalhos e debates desenvolvidos por Lacerda e Roquette Pinto em ambos os congressos anteriormente citados.

O cientista defenderia a concepção de que o Brasil não se igualava às demais ‘republicuetas vizinhas’ e que, ao contrário, por aqui reinaria a mais sublime ordem. [...] era necessário defender o mais difícil: a mestiçagem brasileira seria (apenas) transitória e benéfica, uma vez que não deixaria rastros ou pistas. Mais ainda: era preciso demonstrar como nos portávamos de maneira alternativa, até mesmo em relação aos EUA. Se por lá grassara um sistema escravocrata violento, no Brasil o processo teria sido marcadamente pacífico (Schwarcz, 2011. p. 227).

Se em um primeiro momento a mistura de raças era interpretada enquanto um mal a ser combatido, Lacerda apostava em uma redenção da população negra brasileira a partir do seu branqueamento. Isto é, a medida em que o desenvolvimento de políticas públicas que tinham por objetivo o controle social e a redução da população, previa-se a aniquilação das pessoas negras e indígenas, criando uma margem de previsão que compunha o embranquecimento de 80% da nação, restando apenas 20% de pessoas mestiças até o ano de 2012 (Schwarcz, 2012. p.187).

Dessa forma, por meio dessa breve elucidação sobre as questões discutidas em razão da racialidade no contexto global e pátrio, torna-se possível afirmar que a política de branqueamento esteve presente na construção da identidade nacional, mediante a utilização da mestiçagem enquanto elemento positivo a ser somado aos interesses políticos. Segundo Schwarcz (2012) “É apenas no Estado Novo que os projetos oficiais são implementados no sentido de reconhecer na mestiçagem a verdadeira nacionalidade” (p.193). Ao adotar essa direção da extinção a longo prazo da vasta população negra no Brasil, cumpria-se aquelas medidas modernas dessa fase do país, assim como assumia uma postura positiva e controlada perante o mundo ao abandonar um passado colonial degenerativo e transformá-lo numa nação evoluída, próspera e, portanto, branca.

São exemplos da positivação da mestiçagem que resulta no branqueamento da cor de pele negra retinta, o embranquecimento da população brasileira, que também era efetivado pela política de apoio a imigração massiva de europeus que, pela disponibilidade de subsídios estatais e privados, assegurados pelo Decreto nº 528 de 1890 (Lei de imigração), garantiram sua vinda, estadia e permanência dessas pessoas ao Brasil. Estavam restritos para adentrar e beneficiar deste decreto os indivíduos oriundos dos continentes asiáticos, africanos e para que

a população local (indígena e negra), obtivesse acesso a essa política era necessária a aprovação mediante ao Congresso Nacional, condição essa que dificultava os trâmites legais para a concessão do benefício (Schwarcz, 2012. p.15-16). Assim como os incentivos fiscais estiveram presentes em grande parte dos estados brasileiros, em especial a região sul e sudeste, e por meio deles São Paulo obteve um número expressivo de imigrantes na virada do século XIX para o XX, de maioria italiana.

Fato é que essa intensa imigração européia (em suma de alemães, russos, italianos e poloneses) ao Brasil não se deu apenas para fins da implementação da política eugenista, essas pessoas também enfrentaram momentos críticos e sensíveis em relação a política e economia de seus países de origem. A miséria, desemprego, fome e a baixa perspectiva de vida em uma Europa que se reestruturava após a Primeira Guerra Mundial, foram alguns fatores predominantes para que essa população vislumbasse em nosso país, a grande oportunidade de reconstruir suas vidas com apoio e financiamento do estado.

O Império e posteriormente a República atuaram de forma ativa para garantir a chegada dessas pessoas ao contribuírem com o valor em pecúnia das passagens (em alguns casos), além dos espaços de terras cedidos para a moradia, assim como o abono na cobrança de impostos nos primeiros anos aos imigrantes que se alistaram no exército brasileiro, como também doaram sementes e grãos para o desenvolvimento agrícola e alimentação dessas pessoas. Ao se assentarem em território nacional, povos indígenas originários da região sulista e antigos escravizados residentes daquele espaço, contribuíram nos auxílios e ensino da agricultura e manejo da terra brasileira, desconhecida até então pelos europeus, questão essa de suma importância para a sobrevivência e desenvolvimento deles. Essa contribuição recebida pelos imigrantes europeus, por vezes é desconsiderada e até inviabilizada, não evidenciando o apoio Estatal recebido para que eles se instalassem da melhor maneira no nosso país.

Ao ocupar tais espaços que anteriormente eram pouco habitados, o Brasil fortalecia suas fronteiras com relação aos demais países (Argentina e Uruguai), assim como utilizava da experiência de guerrilha dos recém imigrantes para implementar o exército e também intensificava a produção alimentícia, visto que naquele ambiente as pessoas enfrentavam momentos de vulnerabilidade. Esses fatos são apresentados na matéria jornalística de Edison Veiga, que dialoga com professores historiadores como Paulo Pinheiro Machado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Paulo Henrique Martinez Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Victor Missiato (Instituto Mackenzie) em “A reforma agrária que ajudou imigrantes alemães e italianos a prosperarem no Sul do Brasil” de 2025, publicado

pela plataforma digital da BBC News Brasil, onde observam características fundamentais para a compreensão da distinção do povoamento da região sul do país em comparação as demais.

Para além da produção acadêmica desenvolvida no eixo sudeste sobre a miscigenação, destacou-se de forma significativa a obra *Casa Grande e Senzala*, de 1933 do pernambucano Gilberto Freyre, que teve um papel fundamental ao representar uma noção positiva da mestiçagem brasileira em escala mundial, ainda que realizada de maneira violenta e problemática para os não brancos. Por meio de sua experiência que descendia de senhores de engenho, juntamente a sua formação antropológica⁹ o autor, assim como diversos outros nesse mesmo período, se propôs a discorrer sobre racialidade e mestiçagem ao contrário do que afirmava os estudos culturais da Antropologia clássica daquele tempo (que até então visualizava essa questão a partir da supremacia branca e ao pessimismo da miscigenação). Freyre, em oposição, defendeu uma ideia de um otimismo apaziguador das misturas raciais e argumentou a teoria de uma escravidão positiva no Brasil, assim como a harmonia entre pessoas brancas, negras e indígenas, respaldando seus argumentos na ausência de políticas segregacionistas impostas pela república, como exemplo aos países da América do Norte, como os Estados Unidos¹⁰, da mesma maneira como salientou João Baptista Lacerda poucos anos antes.

Assim, cria-se o mito da democracia racial que afirmava a boa e “natural” convivência entre os diferentes povos residentes do Brasil, como também conceitua a superioridade branca perante os demais e romantiza a violência, principalmente quando as vítimas eram mulheres negras (Schwarcz, 2012. p.194-195). Portanto, por se tratar de um intelectual de influência a propor uma reflexão a fundo sobre a questão racial do país de forma pacífica, a-crítica e fabulada, sua pesquisa transformou a abordagem política vigente a partir da resolução do “problema negro” que, a partir de então apostava na mistura das raças - a mestiçagem, enquanto critério exclusivo e nacionalista brasileiro, como abordado anteriormente. Essa nova análise abriu as possibilidades de lidar com a questão racial brasileira junto a concretude do presente, e não mais enquanto aposta para um futuro populacional branco ainda distante cronologicamente. Portanto, desenvolve-se uma memória nacional enquanto produto de uma

⁹ Freyre era adepto às teorias do antropólogo alemão Franz Boas, que defendia que o estudo sobre a cultura de um determinado povo não deveria ser analisado a partir da comparação com as demais (em especial eurocêntricas), mas sim da observação do próprio antropólogo, pertencente àquele espaço, juntamente a pesquisa de campo que viabilizasse uma maior imersão prática daquele determinado povo.

¹⁰ Leis Jim Crow que atuaram de maneira intensa entre as décadas de 1870 e 1960, principalmente no sul dos Estados Unidos onde a segregação racial era institucionalizada em todos os espaços e ambientes, dividindo-os entre pessoas negras e brancas.

história social que assimila os interesses simbólicos do governo, não fazendo parte do debate a questão racial, tendo em vista o suposto apaziguamento dessa problemática.

Ao apostar nessa característica enquanto unívoca, também esteve atrelado a esse imaginário a figura do “sujeito puro”, homem simples, que advém do campo e não é corrompido pelas ideologias capitalistas e demais pensamentos modernistas. Essa construção se faz bastante presente também por meio da cultura e da música, como a predominância do estilo sertanejo e do samba, clássicos símbolos nacionais. Portanto, práticas que antes eram criminalizadas por identificar as identidades múltiplas de povos negros e indígenas, acusados de oposição a chamada Cultura Nacional, agora eram símbolos dela própria – a exemplo disso, a capoeira. Abordando essas diferentes características, buscava-se considerar uma tradição única com os distintos elementos da real pluralidade que residia no país, a favor da difusão do projeto autoritário de governo e mascarando a exclusão

1.2. A existência racial para além da imagem

Diante dessa exposição sobre como se deu a institucionalização das políticas de branqueamento, utilizaremos para fins de análise metodológica comparativa uma fotografia do imigrante italiano Vincenzo Pastore, que observa a partir dos registros urbanos na capital paulista, porções da existência negra mediante o processo de transformação social do final do século XIX para o XX. Atualmente, essa imagem está disponibilizada de maneira virtual e gratuita pelo Instituto Moreira Salles (IMS, 2026) e para pleitear um diálogo sobre um fragmento do Brasil por meio das fotografias de mulheres negras, recorreremos aos seus retratos como uma fonte moderna e relevante de seu tempo. A escolha da utilização desse artista perpassa pelo seu renome e influência enquanto profissional, como também pela sua capacidade de registro do cotidiano a partir da captura de momentos naturais e espontâneos, especificamos a fotografia de mulheres negras, ainda que essa seja atravessada pelo reducionismo da existência desses corpos.

Boris Kossoy em *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*, de 1994, reflete sobre os caminhos pelos quais as pessoas negras foram representadas de diferentes formas imagéticas por homens brancos europeus. Em alguma medida, tornou-se uma espécie de símbolo exótico a fotografia do sujeito negro e esses retratos capturavam a curiosidade de viajantes que visualizavam no Brasil o atraso, a repulsa e o animalesco. Tais critérios eram concebidos a partir de suas próprias construções hierárquicas que sobrepunham a sua existência, assim como suas concepções morais, religiosas, e de costumes sobre as vidas

de pessoas negras. Da mesma maneira, os simbolismos culturais, identitários e as manifestações da população escravizada também eram razão de interesse, apesar de serem consideradas práticas primitivas, excêntricas e esquisitas pelos europeus. Fato é que a proporção pela qual essas imagens repletas de intenções, preconceitos e estereótipos dos próprios autores e artistas, circulam de maneira gigantesca dentro e fora do país, seja por meio da cultura e também pelo ensino educacional. Sendo assim, perpetuou-se uma consolidação imaginada da nação brasileira, do costume em visualizar essas fotografias violentas de pessoas negras que estavam sendo resumidas ao brutal sistema colonial (Kossoy, 1994. p.173).

Por conseguinte, esses registros se perpetuaram na passagem do tempo como uma espécie de evidência definitiva do passado que buscou restringir essas pessoas a condição do lugar servil e de receptor de violências múltiplas. Kossoy afirma que as imagens de uma câmera não expressam a exata verdade documental da realidade, mas que elas são uma decorrência do complexo processo de criação e elaboração do autor que é composto por segmentos políticos, observações culturais e fins ideológicos. De maneira implícita, os retratos carregam sentidos, atitudes e intenções, que nesse caso corroboraram para uma construção social imaginada de pessoas negras não enquanto seres humanos, mas objetos. Nesse caso, atuavam também enquanto material para teses europeias em Antropologia social, que a partir das já mencionadas práticas de pesquisas eugenistas, visavam comprovar uma inferioridade da raça negra (Kossoy, 1994. p.194).

Embora se observe um avanço e progresso técnicos dos registros pictóricos durante o século XX, perpetuou-se um consumo desse estilo de fotografia que o corpo negro continuava a ser representado como um modelo excêntrico que foi comercialmente embelezado, romanceado, abominado e estigmatizado, mesmo após sua adquirir sua liberdade em 1888. Como resultado disso, presumimos que a relação de mulheres negras com as representações imagéticas e o próprio arquivo em si pode ter sido correlacionada a existência dessas mulheres a violência, reduzindo as suas próprias memórias e identidades, ou seja, uma tipologia de condicionamento social que advém do período colonial escravocrata.

A imagem a seguir é datada em 1910 e compõe uma série de retratos de pessoas negras em situação de ação, em especial no exercício do trabalho, realizados por Pastore. Esse registro entre os demais encontrados no IMS salienta um olhar do autor para as pessoas pobres da cidade, o que não era comum aos fotógrafos daquele tempo. Logo, torna-se possível observar como algumas condições se perduraram, ao caso de mulheres negras em exercício de serviço comercial ou do cuidado, que muito se assemelha ao desenvolvido por elas durante o

século passado, marcando por meio do objeto pictórico as poucas transformações efetivas na realidade da negritude brasileira.

Figura 4 - “Duas mulheres, uma de costas, descansando em banco de praça”, de *Vincenzo Pastore* - Dimensões: 8cm x 11,5cm.



Fonte: IMS. (Disponível em:

<https://acervos.ims.com.br/index.php/Detail/objects/172872>).

A partir dessa imagem é possível observar a representação de um dia a dia habitual, onde crianças brancas e bem vestidas aparentam estar em uma passeio na praça pública, acompanhadas ou não, por duas mulheres negras, o que imaginamos ser suas babás. Nesta imagem observamos o rosto de apenas uma delas, com uma idade suposta superior aos trinta anos, trajada de uma vestimenta com saia e uma espécie de manta por cima dos ombros, elas fazem o uso de sapatos e seus cabelos estão presos e alinhados, mas a sua feição é séria, seu olhar observa um outro ponto que não as crianças ou sua possível companheira de trabalho. A outra mulher, mesmo que de costas, apresenta em suas mãos um embrulho em pano branco que poderia representar alimentos destinados as crianças, assim como um objeto no canto inferior esquerdo que especulamos ser uma bengala de apoio para a própria.

Em relação as duas meninas que aparecem em contraponto no canto direito da fotografia, com idades supostas entre os quatro aos seis anos, destacamos o vestuário alinhado, com camadas, detalhes sutis em costura e feito sob medida para elas, essas

características podem evidenciar uma classe social superior, assim como os cabelos soltos, de aspecto liso e calçados padronizados e lustrados. Acentuamos o olhar de ambas as crianças, que se concentram na mulher de costas, como se estivessem aguardando por algo, abrindo possibilidades para pensarmos uma ligação afetiva entre elas.

Por meio dessa imagem e dessas especulações referenciadas acima, vislumbramos questionar sobre os símbolos e as representações do que se é visualizado. Em um primeiro momento, é possível observar na descrição da legenda, uma ausência de identificação sobre quem eram essas duas mulheres, assim como as crianças. Esse questionamento se faz pertinente ao realizar uma sutil observação comparativa com o restante do catálogo de Pastore, e detecta que os registros fotográficos de pessoas brancas detêm da especificação dos sujeitos fotografados, a exemplo os seus auto retratos, as imagens de sua esposa Elvira Leopardi Pastore, das filhas Costanza, María Lúcia e até os edifícios e espaços urbanos possuem suas devidas identificações. A historiadora Saidiya Hartman descreve esse fenômeno como

Sem um nome, há um risco de que ela nunca escape do esquecimento que é o destino de vidas secundárias e de que seja condenada aquela pose pelo resto de sua existência, permanecendo como uma figura insignificante anexada a história de um grande homem (Hartman, 2022. p.35).

Essa prática de não identificar as pessoas negras retratadas nas obras pictóricas foi um costume herdado desde as primeiras representações, ainda no século XIX, estabelecido a partir dos conceitos de preconceito, uma vez que os homens brancos europeus acreditavam ser superiores aos negros brasileiros. Ainda muito comum nos primeiros anos do início do século XX, mulheres negras foram roubadas de suas próprias identificações quando retratadas por fotógrafos brancos, que perpetuavam o hábito do olhar artístico sobre seus corpos sob a ótica da diferenciação. Ao trabalhar com possibilidades de memórias e existências de mulheres negras no campo imagético, é certo os limites da pesquisa em arquivo fotográfico que não nos permite indagar de maneira direta sobre as motivações e intenções do registro. O que propomos é que a partir de uma análise que tenha por objetivo uma contextualização histórica sobre esses corpos, haja a liberdade em questionar sobre os parâmetros de esquecimento das vivências dessas mulheres. A possibilidade de interrogar o arquivo acerca de quais eram as identidades dessas pessoas, tem o intuito de não somente aproximar o espectador da obra pictórica, mas de sensibilizar e humanizar essas existências para além de seu valor associado a condição de contribuição servil.

Tamanha normalização da diferença, ou melhor, da indiferença em registrar de maneira mais pessoal essas mulheres negras, pode ser comprovada pela forma como se davam as relações sociais daquele período entre brancos e não brancos. Na obra *A integração do negro na sociedade de classe*, de 2008, Florestan Fernandes teoriza sobre os caminhos que se sucederam as relações e desigualdades raciais no Brasil durante o início do século XX. Destaca-se o sistema colonial escravocrata enquanto gênese dessa problemática, como também o desenvolvimento longo da transição desse antigo modelo de economia para o capitalismo.

Como não se manifestou qualquer impulsão coletiva que induzisse os brancos discernir a necessidade, a legitimidade e a urgência de reparações sociais para proteger o negro (como pessoa e como grupo) nessa fase de transição, viver na cidade pressupunha, para ele, condenar-se a uma existência ambígua e marginal (Fernandes, 2008. p.35)

De acordo com suas análises, não houve uma reorganização política e prática efetiva nesse período de transição social, melhor dizendo, as pessoas negras não tiveram uma (re)inserção na sociedade após o fim da escravidão. Logo em seguida a sua liberdade, não possuíam o apoio ou incentivo como os imigrantes europeus dispuseram para desenvolver e organizar suas vidas, como mencionado no início do capítulo, sendo um desses beneficiários o próprio fotógrafo Vincenzo Pastore. Ao contrário disso, a população negra brasileira não teve ao menos condições de rendimento social, seja ele econômico ou cultural. Ao manter um ritmo de exclusão da população negra, foram limitadas também as oportunidades de acúmulo e concentração de renda, questões essas que colaboraram para que a grande maioria dessas pessoas se mantivessem pobres perante o novo sistema econômico. Dessa maneira, as estruturas coloniais se fixaram no capitalismo emergente e a escravidão se tornou um pré-requisito da eclosão capitalista (Ferreira, 2014. p. 280).

Em vez de servir como uma ponte entre o passado e o futuro, desencadeando modificações essenciais à integração do negro e do mulato na nova ordem social competitiva e no regime de classes, ela opera em sentido contrário. Prendia-os a um acervo de bens culturais e de técnicas sociais contraditórias, com frequência obsoletos ou inconsistentes diante da exigência da situação histórico-social (Fernandes, 2008. p.280).

Com as dificuldades em se estabelecer no mercado de trabalho, eram raras as pessoas negras que adquiriram um emprego nas fábricas e também nos comércios, em regra, essa população continuava exercendo um trabalho manual e braçal para ganhar a vida e muitos não possuíam sequer moradia. Essas informações relatam o processo extremamente cruel ao qual se encontravam os negros brasileiros na década de 20 e Fernandes complementa que esse

triste destino teve forte influência da imigração e da preferência da mão de obra branca e européia, comparada a das pessoas ex-escravizadas.

O fato de a urbanização e a industrialização se darem, em grande parte, como consequência da imigração, concedia ao imigrante uma posição altamente vantajosa em relação ao elemento nacional e, em segundo lugar, quase anulava as possibilidades de competição do negro e do mulato, automaticamente deslocados para os setores menos favorecidos do conglomerado nacional (Fernandes, 2008. p. 163).

Retomando a análise da fotografia, agora sob a perspectiva da divisão de gênero no campo do trabalho, devemos levar em consideração que algumas mulheres negras ainda no século XIX, já detinham de sua liberdade daquele sistema. Elas prestavam diversos serviços, em suma, enquanto comerciantes e vendedoras de frutas, quitandas e artefatos diversos, essa remuneração era utilizada para financiar não apenas a sua autonomia, como também na compra da alforria de seus familiares. Durante a mudança do século e a pós-colonização, algumas poucas mantiveram essas condições de serviço, em virtude da forte presença de comerciantes brancos que acabavam atraindo a maior parte dos clientes. Nesse sentido, os serviços domésticos como os das cozinheiras, lavadeiras, faxineiras e babás, eram os que mais empregavam essas mulheres negras, uma vez que esse trabalho sempre esteve disponível na casa de pessoas brancas e com uma concentração de renda um pouco maior.

A vista deste último cargo, o de babás, voltemos a fotografia de Vincenzo para buscar compreender a feição séria e rígida da mulher em destaque, sentada ao banco. Segundo as reflexões de Fernandes, poderíamos supor que seu semblante firme é o resultado de uma perda de interesse nas camadas públicas dominantes que mantiveram uma indiferença em relação às suas existências, enquanto mulheres negras foram sistematicamente abandonadas, a própria sorte (Fernandes, 2008. p.32), um retrato cruel que resumia, em alguma medida, a realidade vivenciada por tantas outras. Como um outro exemplo visual que retrata esse período de desamparo estatal, o documentário da professora e diretora de cinema Consuelo Lins, de nome “Babás”, de 2010, disponibilizado gratuitamente na plataforma virtual *YouTube*, aborda a partir de uma perspectiva pessoal, sobre essa contínua relação servil de mulheres negras ao serviço do cuidado das crianças brancas brasileiras. Em um determinado período de tempo esse trabalho era prestado aos filhos dos senhores de engenho, de maneira exploratória, e posteriormente seus patrões, de modo remunerado, destacando o papel fundamental de criação, afetividade e resistência que dispuseram essas sujeitas. Intituladas como “mães pretas”, especulamos que elas permaneceram nessas condições de trabalho pela

ausência de oportunidades nos âmbitos educacionais, de estabilidade econômica, de autonomia e outros tantos fatores condicionantes para que elas mantivessem esse vínculo empregatício até os dias atuais.

Todavia, ainda que subjugadas em comparação as “mães brancas”, essas mulheres negras desenvolveram um papel crucial para a construção da identidade brasileira. Por meio da oralidade e do desenvolvimento do dialeto pretuguês¹¹, como adotado e conceituado pela intelectual, filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez. Em *Por um feminismo afro latino americano* de 2020, ela desenvolve essa teoria do papel crucial da contribuição oral de mulheres negras para a linguagem informal da língua portuguesa. Oriundas em grande parte do continente africano e forçadas a aprender a língua dos colonos portugueses no Brasil, durante o período da colonização, muitas delas mesclaram os idiomas e, segundo Lélia, desenvolveram seu estilo próprio de comunicação que possui entonação, ritmo e traços específicos (Gonzalez, 2020. p. 115).

Ao realizar o trabalho de criação e cuidado das crianças brancas (seja como amas-de-leite ou babás), elas compartilhavam e traspassavam seus dialetos próprios repletos de valores e significados das culturas africanas para os filhos brancos dos seus patrões. Marcados em suma pela troca das letras “L” pela “R” oriundas do tronco linguístico bantu, falada em mais de 600 línguas da África subsaariana, mais especificamente do idioma quimbundo, uma das línguas nacionais do país Angola.

Essa africanização do dialeto português brasileiro é uma das marcas da contribuição e resistência africana no Brasil que se perpetua ao longo dos anos pela oralidade. Yeda Passos de Castro, linguista brasileira, salienta as seguintes palavras: esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha. Para as denominações da religião afro-brasileira, Candomblé, são os exemplos macumba e catimbó. Assim como palavras bantu que substituem o português, sendo elas: corcunda por giba, moringa por bilha, xingar por insultar, cochilar por dormir, bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete e cachaça por aguardente. Essas informações podem ser encontradas através do *site* Casa da Memória Negra de Salto, 2024, Museu da cidade de São Paulo - SP, por meio da pesquisa sobre os Povos Bantos, disponibilizada de maneira *on-line* e gratuita.

Por tudo isso, possuímos o objetivo de explicar um recorte de como se deram as condições históricas, econômicas, culturais e sociais das pessoas negras nos anos iniciais do

¹¹ Termo utilizado por africanos lusófonos (Gonzalez, 2020. p. 47). São os países que possuem como língua oficial a Língua Portuguesa, sendo eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

século XX no Brasil, para que compreendamos os complexos processos de adaptação dessa população ao longo das transformações políticas existentes naquele período, ou seja, o final do Império e início da República. A partir dessa direção, pretendemos que se atinja uma maior percepção da contínua violência sofrida por essa vasta população mesmo após a abolição. Esse estudo mostra-se pertinente pela proposta de encarar um passado recente do nosso país, questionando os arquivos oficiais, por meio da fotografia, para nomear as políticas de aniquilação, dificuldades e enfrentamentos aos quais foram submetidas essas pessoas negras ao longo da nossa história. Da mesma maneira como busca reivindicar as memórias e contribuições dessas pessoas para o cenário nacional, ainda que atravessadas pelas múltiplas violências, visa o registro dessas existências para além da associação ao trabalho servil, mas das suas vidas e diversidades.

2. AS POSSIBILIDADES IMAGINADAS: PASSADOS OUTROS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

“A perda de histórias aguça a fome por elas” (Hartman, 2020. p. 25).

Assim como já mencionado, o trabalho com a obra *Álbum de Desesquecimentos*, 2023 de Mayara Ferrão, é um conjunto de fotografias que utiliza a *GenAI* para criar representações ficcionadas de momentos íntimos e cerimoniais de casais de mulheres negras e originárias na transição do período pós abolição até os anos iniciais da República. Nesse sentido, confronta-se os arquivos oficiais a partir da doçura radical e da metodologia artística que vai além da violência e dos silêncios presentes nos arquivos históricos do nosso país sobre as existências de mulheres negras. Por meio do canal no *Youtube* intitulado “Colóquio de Fotografias da Bahia”, desenvolveu-se uma série de vídeos que tinha por objetivo debates, entrevistas e conversas com diversos artistas nacionais que desenvolvem artes visuais de uma maneira ampla. Ao explorar um vídeo específico, intitulado “Conversas na Beira do Cais”, publicado em junho de 2025 com 87 minutos de duração, nos deparamos com uma entrevista mediada por Mauro Trindade e André Motta de Lima a artista aqui referida, bem como conduzida pelas professoras Alejandra Muñoz e Ines Linke, ambos os profissionais citados acima são vinculados a UFBA.

No decorrer da interlocução, Ferrão declara que sua pesquisa artística com os arquivos oficiais de domínio público brasileiros, com acesso *on-line* e em especial sobre as

representações imagéticas contidas neles sobre as mulheres negras durante os séculos XIX e XX, se inicia há muitos anos como uma espécie de interação próxima as histórias sobre as sujeitas semelhantes a sua identidade – abarcando as interseccionalidades de raça, gênero, classe e orientação sexual. Segundo ela, inicialmente essas pesquisas eram utilizadas como experimentações desenvolvidas no projeto Verdade Tropical, salientado na introdução do presente texto, assim como a curiosidade em fazer uso da *GenAI* como uma ferramenta de trabalho, impulsionada a partir de seus anseios individuais por representações imagéticas do passado que pudessem, de alguma forma, representar um fragmento da sua identidade de maneira positiva (Lima, Trindade. 2025. 15:39) sem associação ao período da escravidão, ou nas condições de trabalho e violência. Ao aprofundar a fala sobre seu ofício, ela informa que o título de nome intrigante, chamativo e curioso, surge por intermédio de Rosana Paulino, multiartista brasileira, educadora e curadora que mediante apresentação do termo “desesquecer”, provoca em Mayara um ímpeto da desenvoltura de um ato consciente e político que tem por capacidade trazer a tona, a força de imaginários e propostas de dignidade, ainda que fictícias sobre a existência de pessoas negras, originárias e dissidentes sexuais no passado brasileiro (Lima, Trindade. 2025. 17:07).

Esse impulso exerce uma função de coragem quando a artista amplifica seu repertório e relaciona seus estudos com os arquivos, em análise aos registros iconográficos postos enquanto História oficial de mulheres negras. Nesse sentido, é por meio da liberdade artística que ela forja fotografias em formatos de memórias conscientes, para que sejam materializados os seus anseios individuais de uma representação digna, desejada aos seus modos. Ainda no campo da memória, compreendemos o papel fundamental da iconografia para a construção de um veículo de formação de imaginários, estereótipos e padrões estéticos difundidos em uma sociedade. Logo, Ferrão reflete sobre os intensos investimentos que o Brasil recebeu, ainda no século XIX, para o ramo visual, a exemplo do grande fluxo de pintores, desenhistas e fotógrafos. Nesse sentido, problematiza-se acerca da maneira pela qual a população daquele período, em especial as pessoas negras, foram retratadas por homens europeus através do olhar da diferença, da dor e da desumanização, tal qual analisa Kossoy em reflexões mencionadas anteriormente (Lima, Trindade. 2025. 20:38).

Sobre o processo de construção das imagens, Mayara comenta que teve por intenção confeccionar as ilustrações a partir de um viés ideológico que tem por intuito contribuir para uma nova imaginação social, capaz de visualizar a figura negra feminina para além das camadas complexas de opressão, como dispostas nos arquivos oficiais imagéticos (Lima, Trindade. 2025. 23:50). Por isso, ela expõe a possibilidade de olhar para o passado dessas

sujeitas, por meio da *GenAI*, tendo em vista o exercício de lembranças simbólicas, memórias construídas e reflexões de que a sobrevivência dessas mulheres negras tanto no período de escravidão quanto no pós, se deu também pela ação do afeto de umas com as outras (Lima, Trindade. 2025. 24:45). Portanto, a simulação de fotografias confronta o arquivo por meio da fabulação da liberdade, autonomia, garantia de direitos e dignidade, mesmo na eventualidade da ficção poética (Lima, Trindade. 2025. 26:24).

Em vista de tudo isso, a escrita do *prompt* dimensiona a representação da vida dessas mulheres para o amor, a família, a humanidade de seus corpos, a plenitude e a força, características essas que vão além das insubordinações as quais seus corpos estão postos, adicionando em algumas delas símbolos religiosos do Candomblé, como a forte presença das águas em suas imagens, sendo utilizada como um símbolo da Orixá Oxum que possui elementos de representação e manifestação a maternidade, o amor, e os rios de água doce (Lima, Trindade. 2025. 30:20). Cabe lembrar que a escrita desses textos de comando, inseridos no *ChatGPT* e que resultam nesse álbum, partem de maneira única e exclusiva dos anseios e intenções de Mayara por essas representações, tal como elas são. Sobre as críticas negativas recebidas em seu trabalho nas redes sociais, Ferrão comenta que acredita existir uma certa dificuldade de compreensão por parte do grande público que, de maneira generalizada e pouco aprofundada, tece comentários reduzindo sua obra a tecnologia da IA como um todo. Para contrapor esse ponto, ela enfatiza todo o exercício de pesquisa, leitura, compreensão crítica, propósito, fundamentação teórica e política que constrói todo o *Álbum de Desesquecimentos* como ele é, direcionando a *GenAI* apenas como um instrumento que foi utilizado e não a totalidade dele.

Além disso, Mayara informa que o seu uso dessa ferramenta tecnológica é intencionado a partir da interpretação do que ela entende por contracultura, visto que seu trabalho enfrenta o racismo algorítmico do *ChatGPT*. Ao reproduzir suas imagens desejadas, Ferrão força o algoritmo a desenvolver imagens outras que não são associadas as opressões sociais contra mulheres negras. Segundo Tarcízio Silva em *Racismo Algorítmico: Inteligência Artificial e Discriminação nas Redes Digitais*, de 2022, desenvolve-se esse conceito que define a prática de racismo algoritmo como a discriminação racial perpetuada a partir das noções tecnológicas da informação, reforçando pensamentos e comportamentos preconceituosos já presentes na esfera social, transpassada par o virtual. Ou seja, o racismo presente nessas plataformas, mantém os estereótipos sobre essas sujeitas e, para a artista, o seu exercício de desenvolvimento da obra culminou na inserção de novas possibilidades para

o banco de imagens dessas empresas (Lima, Trindade. 2025. 33:08), condicionando outras formas de criar representações do passado que não reproduzam mais violências.

Em retomada aos debates em torno dos arquivos, Mayara demarca e salienta a relevância do seu trabalho, na medida em que ele questiona a História oficial dita nos documentos sobre a vida das mulheres negras nesse período estabelecido. Na mesma medida, ela apresenta o conceito de “anarquivamento”, uma prática criativa que se aproxima da ideia de um arquivo que esteja em movimento, no qual a memória e a história não são estáticos, mas sim dinâmicos e sujeitos tanto a (re)interpretações quanto recriações constantes do que está posto nos registros públicos (Lima, Trindade. 2025. 39:01).

O conceito de anarquivamento explora a ideia de destruição e degeneração de arquivos como uma forma de desafiar identidades e narrativas dominantes eurocêtricas. Nesse sentido, essa ação de subversão é bastante utilizada por artistas desde o movimento do Romantismo, quando houve uma moção contrária a norma do objetivismo pré-estabelecido que visava a liberdade das resoluções acadêmicas para uma maior centralização e expressão individual. De acordo com o crítico literário Márcio Seligmann-Silva (2014):

os artistas vão embaralhar os arquivos, vão pôr em questão as fronteiras, vão tentar abalar poderes, revelar segredos, reverter dicotomias, para as explodir. A palavra de ordem é anarquivar para *recoleccionar* as ruínas dos arquivos e reconstruí-las de forma crítica (Seligmann-Silva, 2014. p. 38).

Essa concepção se relaciona com a obra de Ferrão, justamente pela prática criativa que aproxima a ideia de um arquivo que não é estático, mas que se movimenta por meio das memórias e histórias dessas sujeitas por meio das reinterpretações e recriações desenvolvidas com a *GenAI*. Logo, o entendimento de recoleccionar parte da compreensão de que os arquivos operam enquanto máquinas identitárias de destruição, porque excluem as diferenças e dissidências, resguardando narrativas e vivências hegemônicas brancas e de elite (Seligmann-Silva, 2014. p. 39). Tal reconstrução é realizada pela artista por meio das fotografias e da interpelação criativa dos usos das memórias e das pesquisas que atuam no confronto simbólico de uma História que inviabilizou a existência dessas mulheres.

Ainda nesse sentido, Seligmann-Silva (2014) utiliza como exemplo de uma nova arte da memória, a artista plástica brasileira Rosângela Rennó que segundo ele, é uma especialista do “esquecimento”¹² e não da memória. Durante o seu trabalho com fotografias acerca da

¹² Utilização de aspas para manter a integridade do texto original “Sobre o anarquivamento – um encadeamento a partir de Walter Benjamin”, 2014, de Márcio Seligmann-Silva.

construção da cidade de Brasília - DF, ela desenvolveu uma exposição de homenagem aos trabalhadores responsáveis pela edificação da cidade, os chamados “candangos”, que foram mortos durante esse intenso período, a exibição se realiza a partir das imagens encontradas no Arquivo Público do Distrito Federal. Para o autor, “ela coleciona o que estava no arquivo morto de uma sociedade que prefere, como a sociedade brasileira, esconder sua história de violência e de opressão” (Seligmann-Silva, 2014. p. 40). De forma similar, Mayara também opera nessa lógica do ofício como uma ferramenta de denúncia, trazendo luz a face obscura do desenvolvimentismo brasileiro e o dito progresso que abandonou e excluiu pessoas negras do dito progresso nacional. Portanto, ambas as artistas reforçam o pensamento de que o “contra-arquivo serve de antídoto ao esquecimento e revela em que medida não podemos separar mais os termos arte, política e ética da memória” (2014, p. 41) tal qual imaginamos o ofício do historiador.

Por isso, consideramos que os usos das *GenAI* não devem ser inferiorizados, banalizados ou subjugados pela pesquisa acadêmica, pelo contrário, necessitamos enquanto pesquisadores(as), professores(as) e intelectuais promover exercícios de estudo, reflexão e ação a respeito dos meios e manuseio dessa ferramenta em nosso país, seja no campo artístico ou não. E, por intermédio artístico, a professora Alejandra Muñoz comenta que é possível desenvolver uma espécie de fabulação reparadora da afro-ficção que desmonte estereótipos de violência, revertendo os açoitamentos simbólicos perpetuados pelos arquivos (Lima, Trindade. 2025. 48:18), para que se produza novas fronteiras identitárias. Em síntese, referenciamos novamente o autor, assim como concordamos que:

Essa obra coloca em questão as fronteiras entre os espaços onde a manifestação da sexualidade é ou não permitida e mostra reiteradamente como a arte contemporânea busca também abrir esse arquivo da intimidade sexual, do corpo como pulsão que se estende pelo campo da arte ao invés de ser domado e sublimado (Seligmann-Silva, 2014. p. 54).

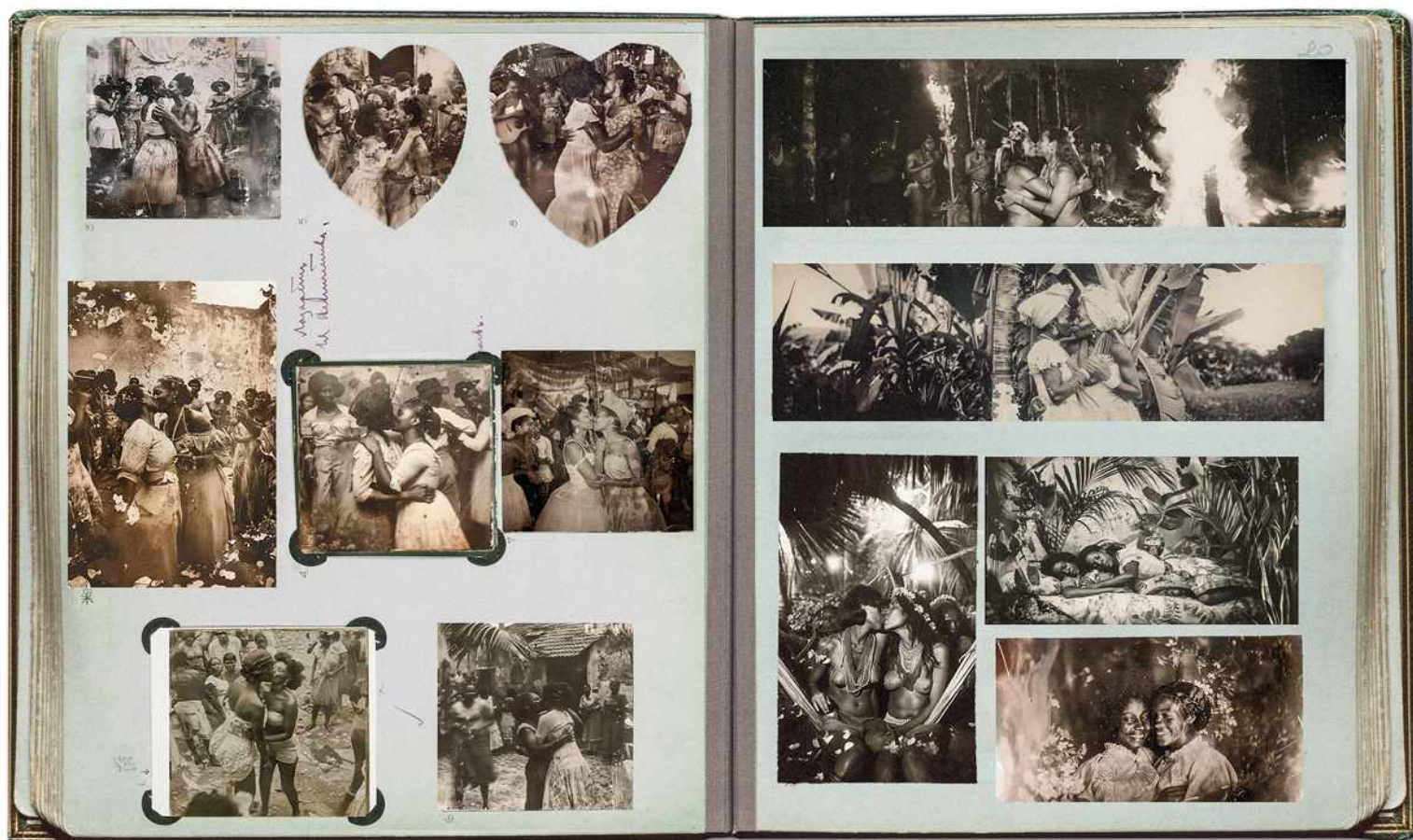
Em suma, seu trabalho não tem por objetivo final documentar a realidade, mas mobilizar uma construção imaginada que, a partir do lúdico, possa fantasiar e construir uma espécie de liberdade ao passado dessas mulheres. É por meio da arte que torna-se possível ressignificar o que poderia ter sido, transformar as lacunas históricas das identidades em um solo fértil para a perpetuação de memórias que extrapolam os limites estabelecidos pelos arquivos, os questione, tensione de maneira crítica o real e também o ficcional, que convide as mulheres negras de hoje, a repensar o papel da nossa memória na construção de um futuro mais inclusivo (Lima, Trindade. 2025. 42:48). Por fim, desenvolve em conjunto uma ação

estético-política da apropriação artística de arquivos públicos que reivindicam os espaços de manutenção de memória afetiva e de cuidado, assim como provoca uma mobilização para a luta da garantia de direitos básicos como exemplo a moradia, educação, alimentação, lazer e que torne possível essa realidade no futuro para as próximas gerações.

2.1. O Álbum de Desesquecimentos e o método da fabulação crítica

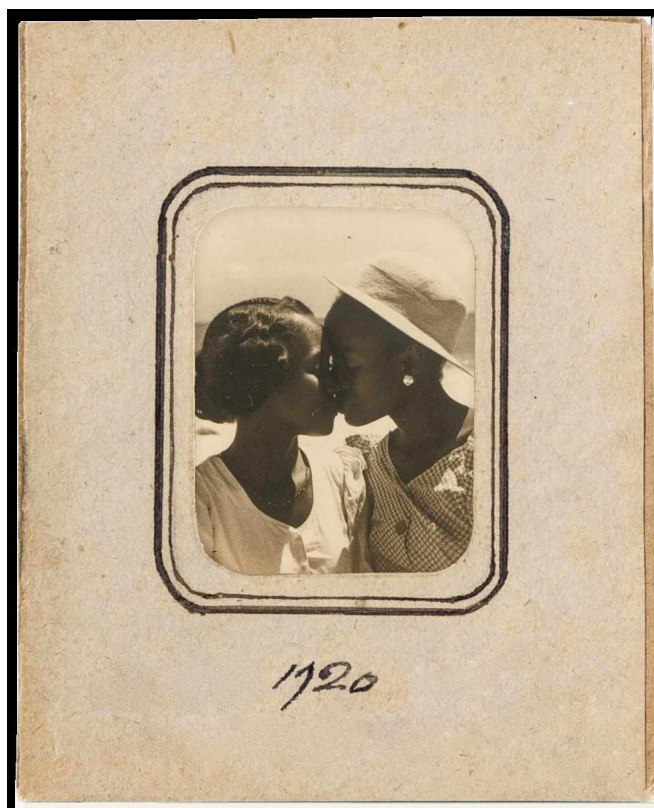
A partir das devidas introduções, apresentações e reflexões iniciais acerca da obra artística de fotografias *Álbum de Desesquecimentos* (2023) da artista Mayara Ferrão, insere-se abaixo dois eixos temáticos que integram o conjunto completo desse trabalho, sendo elas: (Figura 2) “Álbum de Desesquecimentos” e (Figura 3) “O Beijo”:

Figura 2 - “Álbum de Desesquecimentos”, 2023, por Mayara Ferrão - Imagens produzidas por GenIA.



Fonte: Revista de fotografia ZUM, 2025. (Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/>).

Figura 3 - “O Beijo”, *Álbum de Desesquecimentos*, 2023, por Mayara Ferrão -
Imagens produzidas por Gen/A. Dimensões: 21 cm, 15A x 12,22L.



Fonte: Revista de fotografia ZUM, 2025. (Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/#jp-carousel-54650>).

A historiadora Saidiya Hartman, em seu ensaio *Vênus em Dois Atos*, de 2020, discorre sobre o processo da escravidão nas Américas a partir da perspectiva do silêncio e da violência dos arquivos ao registrar as existências de mulheres negras que, são observadas em suma nos lugares de mercadorias, vítimas de abusos ou então sobre as suas mortes. O método da busca por uma tentativa que visa reparar as lacunas presentes nos registros oficiais sobre as vidas

dessas pessoas, assim como a recuperação das subjetividades e individualidades dessas sujeitas é chamada de “fabulação crítica” (Hartman, 2020. p. 28). Esse guia molda a sua prática de escrita porque desenvolve um formato de análise imaginativa que mescla a extensa pesquisa em documentos públicos e propõe a ficção enquanto uma ferramenta que tem a capacidade de preencher esses buracos históricos, sem ignorar os limites impostos por esses arquivos. Por fabulação, a autora explicita que “fábula denota os elementos básicos da história, os blocos de uma construção narrativa” (Hartman, 2020. p. 29), compreendendo os eventos e os atores, ou seja, as pessoas que realizam a ação. A autora inverte a lógica do que é registrado oficialmente e rearranja os pontos de vista divergentes e de disputa da história, imaginando o que poderia ter acontecido, dito ou feito em determinadas situações.

A intenção dessa prática não é dar voz ao escravo, mas antes imaginar o que não pode ser verificado, um domínio de experiência que está situado entre duas zonas de morte – morte social e corporal – e considerar as vidas precárias que são visíveis apenas no momento de seu desaparecimento. É uma escrita impossível que tenta dizer o que resiste a ser dito [...] é uma História de um passado irrecuperável; é uma narrativa do que talvez tivesse sido ou poderia ter sido, é uma História escrita com e contra o arquivo (Hartman, 2020. p. 29-30).

Nesse sentido, se torna possível desenvolver uma ponte com o trabalho de Ferrão, que por meio da arte viabiliza a especulação imagética de outros passados e por conseguinte, constrói identidades e subjetividades por meio de um álbum de fotografias que remete as memórias de vidas dissidentes. Hartman compartilha de anseios semelhantes aos de Mayara, quando questiona os arquivos em sua não produção de registros, sejam eles escritos ou pictóricos que vislumbram as histórias de mulheres negras para além da hostilidade¹³. De forma similar, aproxima-se a experimentação de ambas em imaginar atravessar essas violências pelo desenvolvimento de histórias que almejam uma espécie de biografia da escravizada, bem como a criação de retratos que buscam reimaginar essas lembranças do que essas mulheres poderiam ter vivenciado. “A intenção aqui não é tão miraculosa como recuperar as vidas das pessoas escravizadas ou redimir os mortos, mas em vez disso trabalhar para pintar o quadro mais completo possível das vidas de cativos e cativas” (Hartman, 2020. p. 28).

Logo, é necessário enfatizar que as figuras observadas de Mayara neste trabalho se dirigem aos momentos históricos iniciais do século XX no Brasil, momentos esses de muitas fragilidades e dificuldades enfrentadas pela população negra, que naquele período já eram considerados libertos pelo Estado nacional. Além disso, reporta-se que esse método ficcional

¹³ Ibidem, p. 15.

utilizado pela artista no desenvolvimento de seu trabalho, acompanha uma compreensão crítica do presente de mulheres negras, que reivindicam um espaço de integridade e humanidade sobre os seus corpos, identidades e sexualidades. São essas demandas que, segundo Ferrão, a instiga para reproduzir de maneira livre e amorosa esses passados velados, escondidos e silenciados, para compreender de maneira abrangente a vida de mulheres negras LGBTQIAPN+ além dos registros já postos. Ao se recusar a reduzir essas existências somente a esse padrão, ela ousa e constrói um espaço fictício de memórias onde se perpetua o outro lado da violência imposta.

Como historiadora, Hartman destaca que seu trabalho poético compreende e respeita os limites estabelecidos pelo arquivo, assim como concebe que os fatos almejados das experiências históricas dessas sujeitas, não podem ser comprovados, tendo em vista seu caráter imaginativo que complementa os fatos encontrados nos documentos. Da mesma maneira em que reconhece a perda definitiva dessas informações sobre as experiências dessas mulheres que não podem ser resgatadas pelos documentos oficiais. Essas violências estão postas e são irreparáveis, e assim as fabulações são criadas porque não podemos conhecer ou recuperar essas histórias de um século atrás e por isso, Saidiya afirma que esse resgate transcrito opera na impossibilidade, atuando nas fronteiras do seu exercício especulativo¹⁴.

Esse caminho metodológico não se aplica a liberdade artística de Mayara e, como já abordado, ela desenvolve a prática do anarquivamento para construir o *Álbum de Desesquecimentos*, mas, as suas imagens, em alguma medida, interpelam o público sobre o poder da História e da autoridade dos arquivos. Por intermédio das escolhas da artista em abordar essas representações, evidencia-se que entre os anos de 1900 até 1930 também foram realizadas escolhas políticas que estabeleceram o que deveria ou não ser exposto, mantido e legitimado enquanto uma história nacional do país. Tal entendimento nos força, assim como fez Hartman, a reconhecer que as decisões tomadas foram as de tentar apagar e esconder um passado colonial violento, assim como conservou práticas preconceituosas, estereotipadas e de exclusão sobre a população negra, com o foco temático nas mulheres negras.

Compactuamos com o entendimento de Saidiya de que são as demandas do presente que instigam a busca pelo conhecimento das histórias dos passados dessas sujeitas, tal como procura construir uma relação de intimidade e semelhança que visa não mais afastar e reduzir essas existências, mas se aproximar delas, tendo em vista que essa reinvenção se dá, majoritariamente por mulheres negras do presente. Essa consciência faz parte dos anseios da pesquisadora e da artista, ambas mulheres negras que tem por objetivo imaginar essa

¹⁴ Ibidem, p. 30.

população assumindo a verdade histórica estabelecida sobre elas, fabulando assim a vida delas apesar da escravidão e não resumidas a ela. Entendendo que, os registros que extrapolam os fatos consumados nos arquivos públicos também podem ser interpretados e assumidos enquanto verdade histórica. Por isso, essas figuras se relacionam com os escritos de Fred Monten quando Ferrão materializa a ideia de tomar posse da “beleza terrível”, isto é, do que foi o período pós-colonial e exercita o não reconhecimento desse momento somente pela via das opressões, dos silêncios e da miséria, mas na beleza criada por essas pessoas recém libertas, que lutaram pela sustentação de suas vidas¹⁵.

Assim, podemos compreender a Figura 2 sob esse prisma, em que Mayara ilustra celebrações cerimoniais de mulheres negras e originárias. Na relação com Saidiya, ela afirma que o seu método tem por objetivo: “o sonho de libertar essas vidas das obscenas descrições que primeiro as apresentaram para nós”¹⁶. Podemos, portanto, conectar esse anseio de liberdade na representação do álbum com treze fotografias que carrega o nome da obra. Na página direita, identificamos não apenas as figuras centrais de mulheres negras que celebram suas afetividades, mas também uma forte presença da comunidade ao redor delas que testemunha e festeja essa relação, destacamos em conjunto a presença de instrumentos musicais e os próprios movimentos das pessoas presentes que simboliza uma dança e comemora as diferenças de orientação sexual nos ambientes públicos como uma prática comum.

Na página a esquerda do álbum, notamos também um tipo de cerimônia matrimonial de mulheres indígenas e ao fundo os integrantes aldeados de seus determinados povos, que os identificamos pelas vestimentas, adereços e as verossimilhanças. As demais imagens representam mulheres negras em uma profunda intimidade, destacamos a fotografia em que as mulheres estão vestidas de roupas brancas, fazendo o uso de turbantes e de variados acessórios, sendo um deles bastante similar as chamadas “guias” ou fios de conta, utilizadas nas indumentárias de adeptos as religiões de matriz africana. Carregados de diversos significados, sendo alguns deles a proteção e a conexão espiritual, eles são confeccionados de conchas, pedras, sementes e afins. Essa representação imagética como um todo tem um peso simbólico na atualidade, pela sua capacidade de construção visual que contempla as mulheres exercendo sua religiosidade de maneira livre e plena, ao contrário do que registram os arquivos.

¹⁵ Ibidem, p. 18.

¹⁶ Ibidem, p. 21.

Na História oficial, é sabido que foi por meio do sincretismo religioso, em outros termos, na organização ritualística originária de uma religião incorporada a outra, aqui em específico no caso das religiões de matriz africana inseridas aos signos católicos. Em razão da colonização portuguesa, a Igreja Católica compactuou com diversas medidas que exerciam a obrigatoriedade na conversão ao catolicismo dos povos residentes no Brasil, sendo alvo principal os indígenas e os africanos. Dessa forma, alguns povos africanos conseguiram meios de continuar praticando seus ritos apesar da opressão por parte da Igreja, como exemplo dessa prática destacamos o louvor aos santos católicos, transpassados pelo culto aos Orixás.

As duas últimas fotografias desta página também são bastante repletas de significados, uma delas registra um momento de descanso entre duas mulheres, que se encontram deitadas dormindo sobre uma cama confortável e repleta de plantas no entorno. Essa imagem contrasta diretamente com a Figura 4 apresentada no primeiro capítulo, de autoria de Pastore que produz uma fotografia de mulheres negras em sua atividade de trabalho supostamente como babás. Esse é um ótimo exemplo para pensarmos as maneiras em que Ferrão constrói suas imagens, pela prática de anarquivamento, visto que ela vai em movimento contrário aos demais conteúdos desenvolvidos que, em grande medida, registraram essas pessoas apenas no exercício de suas funções trabalhistas, logo, o peso de uma imagem que captura mulheres negras sob a ótica do descanso possui uma mensagem forte e subversiva.

Reivindicar o relaxamento, o ócio e a tranquilidade para essas sujeitas, ainda que de forma fabulada, não se dissocia de uma prática política da artista que reconhece a humanidade desses corpos e compreende a importância do descanso como uma prática de liberdade para essas mulheres que trabalham de maneira ininterrupta há tantos anos, seja no trabalho forçado, assalariado, no cuidado da casa, dos filhos, de si mesma e de sua comunidade. Por fim, a última foto da Figura 2 finaliza de forma feliz esse álbum, identificando duas mulheres negras sorrindo, se abraçando e com detalhes marcantes de flores próximas a elas, parafraseando Hartman notamos no trabalho de Ferrão “o vislumbre da beleza no instante de possibilidade” (Hartman, 2020. p. 24).

Tal viabilidade dessas imagens imaginadas, poderia resultar na tentativa de preencher os espaços de ausência nos arquivos sobre as histórias múltiplas de mulheres negras brasileiras, instituindo suas possíveis vivências, para desenvolver um tipo de luto experienciado no presente. Apesar de produzir imagens que vão contra os arquivos, Mayara, assim como Hartman, não nomeia suas personagens representadas na obra, como também não detém os fatos apresentados desse interesse fidedigno em trabalhar dentro dos parâmetros da História de identificar e comprovar.

A Figura 3, denominada de “O Beijo”, diferencia-se das demais por conter uma identificação anual, datada em 1920, observamos também a detalhação nos adereços, no vestuário das duas mulheres, na composição do cabelo, assim como as joias utilizadas que reluzem em contraste com sua pele negra, identificando portanto, um padrão de vida um pouco mais elevado. O que protagoniza a fotografia é o beijo sutil e singelo entre duas mulheres negras, abrindo espaço para as análises que perpassam o amor, o carinho e a afetividade entre elas. A escritora e filósofa Audre Lorde, em seu livro *Irmã Outsider: Ensaaios e conferências*, de 2019, que compõe uma série de textos, ensaios e poesias que abordam a sua existência – mulher negra e lésbica, a partir da transformação do silêncio em ação, da utilização da raiva enquanto forma consciente de poder tal qual o uso do erótico, em suma, Lorde reflete sobre como as formas de autoconhecimento e autoacolhimento transformam a existência de mulheres negras.

Partindo do pressuposto de que as sociedades humanas possuem uma dificuldade em reconhecer o conceito da diferença enquanto uma força humana dinâmica da natureza (Lorde, 2019. p. 56), Lorde já inicia seu texto afirmando: “para as mulheres negras, assim como para os homens negros, é evidente que, se nós não nos definirmos, seremos definidos pelos outros – para proveito deles e nosso prejuízo” (Lorde, 2019. p. 57). Tal percepção mostra-se pertinente, uma vez que essa fotografia referenciada na década de 20 no Brasil, expõe uma oposição a opressão que de fato existia naquela época, como observado no capítulo anterior, o país operava em uma lógica modernista que mantinha uma prática misógina, racista, capitalista e se esforçava para embranquecer a população, incentivando assim imigrações européias massivas, da mesma forma como ignorou e abandonou a população negra em um período de fragilidade no pós abolição. Nesse caso, foram poucas as famílias negras de classe social média e alta que mantiveram uma vivência menos violenta nesse país, apesar do racismo operar aqui a partir do preconceito da marca¹⁷, ou seja, das características físicas que compõem o conjunto negróide, chamadas de fenotípicas.

Dessa forma, ainda que se distancie dos demais, a ascensão de classes não inibe as violências estruturais do racismo, e essa realidade nos anos iniciais do século XX salienta que, pela vulnerabilidade, exclusão e escassez da maioria da população negra, não se desenvolveu medidas capazes de fomentar uma estrutura em que elas poderiam produzir suas próprias auto definições. O que houve então no Brasil foi uma definição forçada por parte do Estado, tal

¹⁷ Ideologia desenvolvida pelo sociólogo Oracy Nogueira em “Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga”, 1998. Que analisava o racismo brasileiro fortemente associado às características físicas negróides, ou seja, o preconceito se fundava a partir da marca visível.

como já destacamos, a aposta na mestiçagem da nação e na falsa concepção de uma harmonia entre as raças, que prejudicou mais uma vez essa população e inibiu a responsabilidade enquanto República, de rearranjar socialmente, amparar e desenvolver ações reparadoras para as pessoas negras.

Sobre a questão da sexualidade nas representações imagéticas, em especial nas Figuras 2 e 3, Ferrão não define a orientação sexual de suas personagens e não se pretende realizá-las aqui. No entanto, é imprescindível mencionar os significados múltiplos da exposição de atos amorosos que eram realizados em segredo e de extrema relação privada, nesse caso entre mulheres. O historiador Ronaldo Vainfas em *Sodomia, mulheres e inquisição: Notas sobre sexualidade e homossexualismo feminino no Brasil colonial*, de 1987, ainda que de maneira sucinta, Vainfas apresentou exemplos de mulheres que se relacionavam de forma afetiva e sexual com outras, contendo registros religiosos do Santo Ofício da Igreja Católica, desde o século XVI. Desse modo, ele afirma que “apesar dos valores misóginos, das práticas dominadoras, das leis e costumes depreciativos, as mulheres souberam criar espaços próprios, burlando a preeminência masculina e protagonizando a vida social” (Vainfas, 1987. p. 240). Essa apresentação se encontra com os escritos de Lorde que afirma sobre os vínculos de união e apoios mútuos entre mulheres negras sempre existiu, justamente pelo reconhecimento de que juntas produziam umas para as outras, táticas de sobrevivência como apoio, força e sabedoria, ainda que essas trocas se dessem de maneiras complexas (Lorde, 2019. p. 61).

houve mulheres que, mesmo casadas, preferiram o amor e o corpo de outras mulheres, ou, no mínimo, abriram-se para experiências nesse campo. Dentre elas Maria de Lucena, que desde o tempo de solteira era vista em intimidades com as índias Margarida e Vitória, escravas da casa. [...] As relações entre mulheres ultrapassavam, contudo, os limites das hierarquias sociais configurando, às vezes, verdadeiros casos de amor (Vainfas, 1987. p. 242).

Pela citação adicionada acima, torna-se possível constatar que as afetividades e práticas sexuais entre mulheres era uma realidade já posta há muitos anos no Brasil, ainda que condenadas pela Igreja e reprimidas pela sociedade conservadora, evidenciando que apesar de simbólica, as fotografias fictícias de Mayara, possuem um fio condutor com a verdade. E acerca do desejo presente nas imagens aqui analisadas, que a artista reivindica as concepções do erótico enquanto o amor físico entre pessoas negras, que emana uma energia de transformação desses passados. Lorde escreve sobre o uso do erótico e o considerada uma fonte de poder e informação, porque ele dimensiona a autoconsciência do corpo e da mente¹⁸.

¹⁸ Ibidem, 2019. p. 67.

De acordo com ela “quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nossos trabalhos, nossas vidas¹⁹. Dessa forma, as imagens de Ferrão se entrelaçam com as concepções desenvolvidas pela autora, por proporcionar por meio do fantástico, representações que emanam uma energia que eleva, sensibiliza e fortalece as experiências de mulheres negras LGBTQIAPN+ no presente, ao visualizar suas semelhantes no passado²⁰.

Nosso conhecimento erótico nos empodera, torna-se uma lente através da qual esmiuçamos todos os aspectos da nossa existência, forçando-nos a avaliar cada um deles com honestidade, de acordo com seu significado relativo em nossa vida. E é uma grande responsabilidade, projetada no interior de cada uma de nós, não nos conformamos com o conveniente, com o fajuto, com o que já é esperado ou o meramente seguro (Lorde, 2019. p. 71).

Por fim, a autora relembra os perigos quando a definição dos corpos de mulheres negras são realizados por outros, ou nesse caso, registradas partindo de um olhar de um homem branco europeu, como no exemplo aqui trabalhado, o de Pastore. De maneira inevitável, essas reproduções serão produzidas com as convicções daquele sujeito, porque enquanto humanos sociáveis, detemos concepções culturais, religiosas e morais definidas também a partir do lugar ao qual nos desenvolvemos na comunidade, ou por meio dela. A vista disso, a iconografia negra brasileira foi concebida aos moldes do etnocentrismo, subjugando as múltiplas existências indígenas e africanas a condição de escravizados, reduzindo-os ao lugar servil. Esse destaque também já foi realçado no primeiro capítulo, quando observamos as interpelações de Boris Kossoy sobre os materiais pictóricos confeccionados sobre essas pessoas ainda no século XIX. Isso significa que, a perpetuação dessas imagens que forçaram a definição do corpo dessa população, corrobora em alguma medida para a legitimação da opressão até os dias atuais.

Reconhecer o poder do erótico nas nossas vidas pode nos dar a energia necessária para lutarmos por mudanças genuínas em nosso mundo, em vez de apenas nos conformarmos com trocas de personagens no mesmo drama batido. Pois não apenas entramos em contato com as formas da nossa mais intensa criatividade, como também com o que é feminino e autoafirmativo diante de uma sociedade racista (Lorde, 2019. p. 74).

¹⁹ Ibidem, 2019. p. 69.

²⁰ Ibidem, 2019. p. 71.

Por isso, podemos compreender que enquanto Hartman desenvolve o método da fabulação crítica e o aplica para a reflexão de histórias sobre a vida de mulheres negras, para além do reducionismo violento e indeterminado no período colonial nas Américas, Ferrão constrói fotografias fictícias que, de forma bastante similar, se completa com a autora na tentativa de reparar essas vivências e existências. Ambas se encontram em meio aos métodos de questionar os arquivos oficiais e desenvolver novos passados dignos, afetivos e humanos a essas pessoas, complementando o olhar social do presente sobre as histórias que possuímos delas, a primeira pela linguagem escrita, a segunda pelo recurso visual. Já os dispositivos de pesquisa de Lorde nos impactam pela promoção da necessidade, importância e responsabilidade da autodefinição, autoconsciência e auto humanização das mulheres negras. Defendemos que Mayara realiza esse exercício no desenvolver sua obra, assumindo seu lugar social enquanto mulher negra LGBTQIAPN+ de utilizar o poder de sua vivência para transbordar as práticas artísticas acadêmicas, a orientação e iluminação necessária para conectar seus anseios de representação no passado até a reafirmação do reconhecimento de nossas existências múltiplas e legítimas no presente.

2.2. As Imagens de controle e os Lugares de negros: ferramentas e estereótipos

Em retomada aos escritos de Lélia Gonzalez, o seu livro com a participação do sociólogo Carlos Hasenbalg (1942-2014) intitulado *Lugar de Negro*, de 1982 em que foi realizada uma análise sobre as desigualdades raciais no Brasil, assim como examinaram as formas pelas quais o preconceito e a marginalização operam na realidade do cotidiano de pessoas negras no país. Apesar de referir-se a um período posterior a temporalidade de pesquisa estabelecida aqui, Gonzalez realiza uma observação sobre a divisão racial dos espaços que é cara para a nossa pesquisa. Essa investigação é importante porque fomenta um maior entendimento das práticas de exclusão e inviabilização dessa população que, para a autora, essa distinção ocorre desde o período colonial, onde definia-se com uma maior exatidão social os diferentes e opostos lugares ditos “naturais” de brancos e negros.

Para os chamados brancos dominante, ou seja, pessoas brancas ricas, de maioria pertencente ao gênero masculino, são consideradas as “moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e são devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, até a polícia formalmente constituída” (Gonzalez, 1982, p. 15). Em contraponto, o lugar natural do negro são as senzalas, favelas, cortiços, porões, as construções de casas em terrenos invadidos,

alagados e os pequenos conjuntos habitacionais para as grandes famílias, Lélia complementa afirmando que a precarização tanto da higiene, quanto da saúde são fatores que permearam o cotidiano da população negra, assim como a venda de mão-de-obra barata, que se justifica na maioria das vezes pela ausência de uma formação mais abrangente, agravada pelo receio do desemprego e é acentuada pela preferência na contratação de imigrantes brancos em detrimento aos ex-escravizados²¹.

Esse entendimento da segregação geográfica a partir da raça é relevante de ser mencionado neste subcapítulo de finalização, para que possamos ser claros na busca por uma compreensão mais ampla sobre as formas pelas quais as pessoas negras foram sistematicamente lesadas pelo Estado brasileiro. Como já mencionado, apesar da mudança nos modelos econômicos vigentes dentre os séculos XIX e XX, perpetuaram-se modelos sociais de manutenção de benefícios e privilégios para a classe branca dominante. É possível citar como exemplo os conjuntos de estratégias, sejam elas as políticas estatais de exclusão, pela já mencionada, forte imigração européia, nas exclusões nos mercados de trabalho, assim como na criminalização de suas manifestações culturais²².

Quando Gonzalez destaca:

O preconceito e a discriminação racial, o despreparo cultural do ex-escravo para assumir a condição de cidadania e de trabalhador livre e a sua negação do trabalho como forma de afirmação da posição de homem livre resultaram na marginalização e desclassificação social do negro, que se estendeu por mais de uma geração (Hasenbalg; Gonzalez, 1982, p. 15).

Posto isto, essa divisão nos espaços urbanos esteve atrelada as crises e adversidades enfrentadas por pessoas negras nos ambientes rurais, forçando-as a migrarem para as cidades a fim da procura por melhores condições de vida. Ao encararem a dura realidade, o que a maioria delas encontrou foi a escassez que manifestou-se a partir do alto custo de vida, da má remuneração dos serviços e da ausência de trabalho para todos. Foram esses alguns dos fatores que contribuíram para a grande marginalização e concentração nos espaços periféricos dos grandes centros das capitais. Juntamente a essas questões, observamos pela pesquisa de Florestan Fernandes que, mesmo na transição do Império para a República, mantiveram-se as diferenciações baseadas nos preconceitos de raças como de classes, ou seja, as pessoas negras se mantiveram nas posições subalternas na hierarquia social em comparação as brancas²³. Essa compreensão é importante porque foram nessas situações que se perpetuaram novas formas de discriminação dentro da estrutura social vigente, como apontamos anteriormente, se

²¹ Ibidem, p. 90-91.

²² Ibidem, p. 22.

²³ Ibidem, p. 89-90.

davam de maneira incisiva pelas práticas preconceituosas. De acordo com Lélia, essa visão negativa sobre o corpo preto foi transpassada em diversos locais como nos textos escolares, veículos de comunicação de massa e nas diversas representações populares que estereotipam a população negra²⁴.

As práticas discriminatórias, a tendência a evitar situações discriminatórias e a violência simbólica exercida contra o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como os "lugares apropriados" para as pessoas de cor (Gonzalez, 1982. p. 91).

Nessa perspectiva da construção simbólica da assimilação cultural brasileira aos “lugares de negros”, associados sempre aos espaços de precarização, miséria, fome, violência e entre outros como naturalmente destinado a eles, seguimos nessa observação de Lélia sobre os atravessamentos que tornaram possíveis essa continuidade do olhar nocivo da sociedade para as pessoas não brancas. De acordo com a sua menção aos veículos de comunicação de massa que contribuíram para a perpetuação dessa segregação, podemos conectar como exemplo as fotografias e a análise aqui realizada sobre as maneiras, intenções e formatos aos quais eram retratados os corpos negros ainda no início do século XX. A vista de um aprofundamento maior no que diz respeito a essas imagens condicionantes, a pesquisadora e socióloga Winnie Bueno desenvolve em sua dissertação *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: Uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle*, de 2019, uma investigação sobre o estudo da compreensão da matriz de dominação do corpo negro, a partir do conceito de imagens de controle da intelectual Patricia Hill Collins, professora pelo Departamento de Sociologia da University of Maryland - EUA.

Para Bueno, essas representações imagéticas opressoras são uma espécie de ideologia racista e sexista que tem por objetivo manter as práticas que tornam naturais e sutis a subalternidade de mulheres negras. Essas práticas são utilizadas por grupos dominantes, como exemplo os representantes do Estado nacional que garantem a manutenção de estereótipos advindos do período colonial. Lélia salienta que esse ato mantém uma conexão com as articulações de raça e sexualidade produzidas durante esse período, em que ela denomina enquanto um princípio dominador central das produções de violências. Collins vai um pouco além dessa concepção e define o conceito de imagens de controle, como:

²⁴ Ibidem, p. 89-91.

uma representação específica de gênero para pessoas negras que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica [...] se difere das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade (Bueno, 2019. p. 71).

Essa ideologia se manifesta diante daquelas produções pictóricas abordadas anteriormente, desenvolvidas a partir do olhar de homens europeus que mantiveram essa hierarquização social em suas obras. Assim, o início do século XX se conservou não somente nas relações sociais, mas também nas culturais e principalmente nos registros imagéticos essa condição do lugar de negro, utilizando desses simbolismos para justificar as inequidades entre a população do Brasil e o descaso para com as mulheres negras (Bueno, 2019. p. 73).

Nesse sentido, ao citar as observações da escritora e professora Trudier Harris da Universidade do Alabama - EUA sobre o assunto, Bueno destaca que por tudo isso já informado, a capacidade de autodefinição de mulheres negras foi sistematicamente restrita e invalidada, visto que sempre houve a presença de uma autoridade que toma para si a falsa ideia da capacidade de pautar e impor perspectivas sobre as histórias desses corpos, ocupando o lugar das suas verdadeiras representantes. “O saber das mulheres negras, suas próprias experiências, os sentidos que suas vivências adquirem na particularidade e na vida coletiva não é suficiente para que as mesmas possam nomear a própria história” (Bueno, 2019. p. 74). Para que essa prática se perpetuasse e se transformasse ao longo do tempo, foi necessária a centralização do pensamento binário nessa estrutura opressora, porque é ele quem organiza em conjunto as políticas econômicas essa hierarquização e a inferiorização dos corpos, tal como foi no colonialismo e posteriormente no capitalismo. A categorização por meio da diferença (pretos/brancos, mulheres/homens e afins), vão adquirir novos significados nessa relação binária com o seu homólogo, assim como a oposição²⁵ e a sustentação da objetificação dessas pessoas.

A forma com que o pensamento binário é utilizado para criar categorias que só existem em relação a outra e a partir de uma lógica de opostos é fundamental para a articulação das imagens de controle, uma vez que os comportamentos e a sexualidade de mulheres negras serão não apenas utilizados como justificativas para a sua opressão como também como modelos desviantes em relação aquilo é considerado “normal”, “humano”, “civilizado” (Bueno, 2019. p. 76).

Por isso, as imagens de controle interligadas aos lugares de negros foram estratégias historicamente usadas para suprimir mulheres negras as suas possibilidades de acesso a justiça

²⁵ Collins, 2009 *apud* Bueno, 2019. p. 75.

social, as demais instituições de emancipação e a capacidade de construção de sua autodefinição por meio de suas próprias experiências. Para Bueno, essas foram importantes barreiras estruturais que solidificaram o condicionamento dessas pessoas a pobreza e a precarização (Bueno, 2019. p. 81). Além disso, o binarismo é também presente quando observamos essas fotografias desenvolvidas no final do século XIX e início do XX, sob a ótica da sexualidade que, ou essas mulheres negras são representadas a partir das pautas cristãs que, ao impor a pureza e a castidade as mulheres, retratam-nas enquanto pessoas dessexualizadas, ou como lascivas. Carregadas de significados, essas imagens buscam afirmar tanto um padrão feminino eurocêntrico heteronormativo que renuncia o erótico pela assimilação direta a promiscuidade e ao pecado sob os dogmas religiosos, ou as condiciona enquanto predadoras sexuais, extremamente libidinosas e férteis, tendo essas afirmações enquanto justificativa para as múltiplas violências sexuais cometidas contra esses corpos²⁶.

Para Patricia Hill Collins, os estereótipos relacionados à sexualidade são o nexo central das imagens de controle da feminilidade negra. A razão desse diagnóstico se dá em razão dos esforços que os grupos dominantes empreendem para controlar a sexualidade das mulheres negras, o que constitui o núcleo das opressões históricas a que essas mulheres são submetidas (Bueno, 2019. p. 108).

Dessa forma, tal como mencionado no subcapítulo 1.1, o Brasil ainda contou com o agravamento dessa situação quando essas violações foram romantizadas pelo mito da democracia racial, desenvolvendo dinâmicas ainda mais complexas e específicas sobre as relações sexuais de mulheres negras no país²⁷. Por tudo isso, essas apresentações sobre as ferramentas e os estereótipos impostos as imagens de mulheres negras no início do século XX, trazem luz a obra de Ferrão porque esse conceito desenvolvido por Collins sobre as imagens de controle, servem não apenas para análise negativa das representações sobre os corpos negros. Torna-se possível construir uma ponte entre elas pela maneira que a obra *Álbum de Desesquecimentos*, organiza a partir das virtudes já explicadas, como a humanidade e a dignidade, construir de maneira fictícia, fragmentos positivos de felicidade, celebração e afetividade entre mulheres negras em momentos históricos de tamanha dificuldade. Essa tentativa imaginada da artista rompe de certa maneira com que Bueno compreende sobre as auto definições prejudiciais as mulheres negras, porque esse trabalho não é concebido por uma formulação outra ou externa, ele é desenvolvido por uma descendente, ainda que

²⁶ Ibidem, p. 86-87.

²⁷ Ibidem, p. 107.

indiretamente, dessas linhagens femininas²⁸ que não tem por intenção a definição da teoria social apenas para fomentar uma oposição às violências postas, mas propor indagações que tenham a capacidade da reinvenção e transformação da sociedade.

Ao estudar a maneira com que essas imagens são formuladas, reconstituídas e utilizadas historicamente, fica evidente que retratar mulheres negras a partir de figuras organizadas pelas imagens de controle é uma estratégia para obstaculizar os processos de subjetivação de mulheres negras, pois, a partir dela, o empoderamento político dessas mulheres, bem como a constituição de sua autonomia, se dá de forma incompleta. Impedir esses processos é uma estratégia fundamental porque eles constituem uma ameaça aos sistemas de poder que são centralizados nas perspectivas ideológicas engendradas pela masculinidade branca hegemônica, a qual se mantém no controle dos recursos sociais e das instituições também a partir dessas estratégias de representação dos grupos subordinados como o outro da sociedade (Bueno, 2019. p. 111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo do trabalho, buscou-se estabelecer uma maior compreensão sobre as maneiras pelas quais o Estado brasileiro ao longo do início século XX, excluiu e inviabilizou a existência plena de pessoas negras, em suma, de mulheres negras. Apesar de bastante violento todo esse processo, foi por meio do mito da democracia racial que dissipou-se socialmente narrativas que afirmavam a não existência de segregação, do racismo e das maiores distinções entre raças no país, assimilados as discriminações. De acordo com as pesquisas dos autores Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez e Lilia Schwarcz, evidenciamos que a raça não se tornou apenas um fator de diferenciação biológica, mas uma ferramenta de poder que perdurou durante muitos anos. Analisamos assim os formatos em que se deram as dificuldades enfrentadas por essa população negra, enquanto se instituiu as reformulações governamentais dos símbolos nacionais e consolidou-se a figura mestiça como representante da nação brasileira. Diante disso, desenvolvemos o entendimento de como a manutenção das relações sociais, culturais e econômicas permaneceram bastante semelhante a do período colonial, principalmente nas análises dos veículos de comunicação, espaço esse muito significativo na disseminação de estereótipos negativos por meio de imagens que representavam mulheres negras, muita das vezes sob a ótica do trabalho, da desumanização e da miséria.

Nesse sentido, utilizamos a obra artística *Álbum de Desesquecimentos* de Mayara Ferrão, justamente por propôr uma utilização das imagens fictícias geradas integralmente por

²⁸ Ibidem, p. 112.

GenAI, com novas perspectivas de (re)imaginação dos passados de mulheres negras, agora a partir da perspectiva lúdica da afetividade, da liberdade sexual, da prática do descanso, da festividade e das celebrações matrimoniais. Propondo uma reflexão de que a memória é um campo de disputa, justamente pela sua capacidade em desenvolver um estado livre dos sujeitos que compreendam suas histórias de maneira integrada. Sendo assim, apenas acessar os documentos oficiais e arquivos públicos não são suficientes para esse entendimento mais completo, tornando-se necessário indagá-los, questioná-los, ir em movimento contrário a essas certezas impostas sobre a existência do povo negro no Brasil. Esse exercício opera enquanto uma prática de liberdade da percepção biográfica de diversas vidas, seja em análise coletiva ou individual que nos permite reconhecer uma continuidade desses passados traumáticos. Dessa forma, possamos talvez visualizar novos formatos de futuro em que pessoas negras sejam tratadas e retratadas em sua integridade e respeito.

FONTES

BELTRAMIM, Fabiana. A São Paulo do início do século 20 pelo olhar imigrante do fotógrafo Vincenzo Pastore. **Revista ZUM**, 25 de jan de 2018. Disponível em: <https://revistazum.com.br/noticias/sao-paulo-vincenzo-pastore/>. Acesso em: 28 maio 2026.

PASTORE, Vincenzo. **Instituto Moreira Salles**. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/vincenzo-pastore/>. Acesso em: 28 maio 2026.

VERVE, Galeria - Mayara Ferrão. *Verve Galeria*, 25 de Mar. 2025. Disponível em: <https://www.vervegaleria.com/artistas/mayara-ferrao/>. Acesso em: 10 de jun de 2026.

SOUSA, Fernanda Silva. Álbum de desesquecimentos. **Revista ZUM 27**. 06 de jan 2025. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/>. Acesso em: 20 de jun de 2026.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. (org.). **Cartilha de Inteligência Artificial Generativa: o que é ia generativa?. O que é IA Generativa?**. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/infraestrutura-nacional-de-dados/inteligencia-artificial-1/publicacoes/cartilha-ia-generativa>. Acesso em: 2 maio 2026.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. 2002. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>. Acesso em: 23 maio 2026.

BUENO, Winnie de Campos. Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: Uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de

imagens de controle. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie+de+Campos+Bueno_.pdf;jsessionid=8C4A494D608F948D13C98189238A6774?sequence=1. Acesso em: 16 de mar de 2026.

CARVALHO Fonseca, Luciana. “Mulheres De Imaginação Ardente e Leitores Terríveis: Maria Velluti, Uma Tradutora Do Século XIX.” Boletim 3x22, vol. 6, 2021, pp. 108–117. Disponível em: https://www.academia.edu/49496915/Mulheres_de_imagina%C3%A7%C3%A3o_ardente_e_leitores_terr%C3%ADveis_Maria_Velluti_uma_traductora_do_s%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 14 de nov de 2025.

CASTRO, Patrícia Cristina Campos de. O negro na publicidade e propaganda brasileira. As primeiras imagens do negro na publicidade brasileira. 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1556/2/20366688.pdf>. Acesso em: 5 maio 2026

COSTA, Ana Caroline Alves da; LIMA, Aline Venceslau Vieira de. Autoimagem e representatividade da pessoa negra nas redes sociais. 2023. **Psicologia e Saber Social**. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/89195/53040>. Acesso em: 15 maio 2026.

DUARTE, MEL. Leitura e Poesia com Mel Duarte. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/855422621/Mel-Duarte>. Acesso em: 14 de jul de 2026.

ESCOBAR, Herton. Estudo mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira. 2025. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 20 maio 2026.

ESUS, Camila Vian de; MENDONÇA, Eduarda Fernandes Lustosa de; KIRSTEN, Martin Branco. ESTADO NOVO (1937-1945): A CONCEPÇÃO DE DESENVOLVIMENTO, O FUNCIONAMENTO ESTATAL, AS POLÍTICAS ECONÔMICAS E O SEU LEGADO PARA O DESENVOLVIMENTO DO BRASIL. Disponível em: https://www.anpec.org.br/sul/2017/submissao/files_I/i1-ee2299c1c9832241a019300ac380088a.pdf. Acesso em: 23 maio 2026.

FERREIRA, Laura Senna. A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA DE FLORESTAN FERNANDES PARA A COMPREENSÃO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 276–288, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/143>. Acesso em: 18 jun. 2026.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. “Pelo interesse dos Homens Pretos, Noticioso, Literário e de Combate”. O jornal O Clarim d’ Alvorada no pós-abolição (1924-1932). 2011. **XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856711_44f3cefl98b92a091287a9f49a561cc6.pdf. Acesso em: 2 jun. 2026.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. Editora Globo, 2008. Disponível em: <https://professorrenato.com/wp-content/uploads/2024/12/Florestan-Fernandes-A-integracao-do-negro-na-sociedade-de-classes-Vol-I-O-legado-da-raca-branca-1.pdf>. Acesso em: 20 de jun de 2026.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. **Global Editora** e Distribuidora Ltda, 2019.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Rio de Janeiro, 1982. Editora Marco Zero. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-ha-senbalg-lugar-de-negro1.pdf>. Acesso em: 5 de jun de 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatino americano**. Disponível em: [Gonzales-2020.pdf](#)

HARTMAN, Saidiya. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022. Acesso em: 12 jan de 2026.

HARTMAN, Saidiya, "Venus in Two Acts,". In: Small Axe, Volume 12, no. 2, pp. 1-14. Copyright, 2008, Small Axe, Inc. Republicado com permissão da Duke University Press. www.dukeupress.edu. Acesso em: <https://doi.org/10.1215/-12-2-1>. Tradução de Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro. 26 de set. de 2020. Dossiê **Crise, Feminismo e Comunicação**, v. 23, n. 3, 2020.– <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>. Disponível em: <https://ppghs.fflch.usp.br/sites/ppghs.fflch.usp.br/files/inline-files/1%20-%20Hartman%2C%20Saidiya.%20Venus%20em%20Dois%20Atos.pdf>. Acesso em: 20 nov de 2025.

JUSTIN HANSFORD (Brasil). Instituto Ibirapitanga (org.). Seminário: Memória, reconhecimento e reparação: mesa 5: a memória à reparação: caminhos de reconhecimento da dívida histórica. Mesa 5: A memória à reparação: caminhos de reconhecimento da dívida histórica. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/9pFJyAypJEw?si=IrEDTT20UI6RfIIS>. Acesso em: 5 maio 2026.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. In: **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 66-74. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/669341220/LORDE-Audre-Usos-do-ero-tico>. Acesso em: 26 de abr de 2026.

MAGNOLO, Talita Souza. “MEMÓRIAS EM DISPUTA: A (re)construção do passado através de imagens geradas por Inteligência Artificial”. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/1067630.pdf?v=639112734747043568>. Acesso em: 24 de abr de 2026.

MAGNOLO, Talita Souza; FILHO, Maurício João Vieira. “Memórias em disputa: A produção de conhecimento sobre o passado por meio de imagens geradas por Inteligência Artificial generativa”. Disponível em:

<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/4718/2398>. Acesso em: 24 de abr de 2026.

MARRONI FORTUNA, Jessica; MANGANELLI FERNANDES, Gisèle. Escrevendo com e contra o arquivo: a fabulação crítica em *Beloved*, de Toni Morrison, e *The Invention of Wings*, de Sue Monk Kidd. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 20, n. 36, p. 1–17, 2024. DOI: [10.48075/rlhm.v20i36.33855](https://doi.org/10.48075/rlhm.v20i36.33855). Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/33855>. Acesso em: 16 jun. 2026.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. **Autêntica Editora**, 2019.

PEIXOTO, Clarisse. Memória em imagens: uma evocação do passado. *Imagem e memória: ensaios em Antropologia Visual*. p. 173-185. **Rio de Janeiro: Garamond**, 2001. Acesso em: 14 de out de 2025.

PEREIRA, Ana Carolina B. Descontinuar para reconstruir – Resenha de *Reparação: Memória e re-conhecimento*, organizado pelo Instituto Ibirapitanga e pela historiadora Luciana da Cruz Brito. 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/criticahistoriografica/article/view/24367/18010>. Acesso em: 5 maio 2026.

POVOS BANTU. Casa da memória negra de Salto. Disponível em: <https://casadamemorianegrasalto.com.br/povos-bantos/>. Acesso em: 18 de jun de 2026.

PRESTES Clélia R. S.; SILVA, Maria Lúcia da. Mulheres negras: ressignificação do imaginário e liberdade de mulheres negras. **Boletim 3x22**, vol. 6, 2021, pp. 78–87. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67836001/Boletim_Mulheridades_atualizado-libre.pdf?1625158763=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMulheres_de_imaginario_ardente_e_leitore.pdf&Expires=1771860268&Signature=X8EE36RLwtTq9RF6rArzU~NL3-UDuhiKPz4P-daloybRvXE84mt~7ejtshEHUs2Q~8dVZIETBplVAmYUjf46QrZu-EXs-Mbvy01zOymT8XTq6slwKbtUNNPANS1RfmtR~ab4xjWYp1aAxVTZhcrUGBngntE~kyHTyFf1Z1xHWhuZDZZIOB-MEWF3jjCj4RmUNCa9GCqX6UPqMH~MKE3SP06r8ibOJ4co5YpbkqWmEM5Wc7FMtfOK6Lb3j1RCNwmSZBtSZE8d2JG3m867dwPLgZ0JIA8N~y7fTDA3lfZ0u-xJu50h2wltDKJ9LJS8MshHVRS1SdQMiU4~Flm6R6SQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=78.

Acesso em: 2 de jun de 2026.

SILVA, Fernanda. “Álbum de Desesquecimentos.” *ZUM*, 6 de Jan. 2025. Disponível em: revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/. Acesso em: 20 de jun de 2026.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre o anarquivamento – um encadeamento a partir de Walter Benjamin. **REVISTA POIÉSIS**, [S. l.], v. 15, n. 24, p. 35–58, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/poiesis.1524.35-58>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/22910>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SCHWARCZ. Lília Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar.

2011, p.225-242. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/wRVg8H99n65JLwhF9BMbHpF/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 10 maio 2026.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. **Editora Companhia das Letras**, 2013.

TEIXIERA, Eduarda; MARCOLINO, Aline. Entenda a origem e o significado de "Sul Global". 2023. **Revista Poder 360**. Disponível em:
<https://www.poder360.com.br/internacional/entenda-a-origem-e-o-significado-de-sul-global/>.
 Acesso em: 22 maio 2026.

VAINFAS, Ronaldo. Sodomia, mulheres e inquisição: notas sobre sexualidade e homossexualismo feminino no Brasil Colonial. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, n. Tomo XXXV, p. 233–250, 1987. DOI:
<https://doi.org/10.11606/1982-02671987TomoXXXVe8>. Disponível em:
https://revistas.usp.br/anaismpt_PT_BR/article/view/216058/198110. Acesso em: 16 jun. 2026.

KOSSOY, B.; LUIZA, M. **O olhar europeu**. [s.l.] Ed. USP, 1994.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e memória: ensaios em antropologia visual. **Rio de Janeiro: Garamond**, 2001. Acesso em: 14 de out de 2025.

@acervos_digitais. “IAs E Contra-Narrativas: Conheça O Álbum de Desesquecimentos Da Artista Mayara Ferrão (@Mayaraferrao) Que Imagina Mulheres Pretas E Lésbicas Apagadas História Do Brasil. *Instagram*, 16 Mai, 2026. Disponível em:
www.instagram.com/p/DlhgnqHgLaX/?img_index=1. Acesso em: 5 de jul de 2026.